

Tema de Estudo 2016-2017



MUROS NÃO, PONTES SIM

Os desafios pastorais da família
na Nova Evangelização

MUROS NÃO, PONTES SIM

OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO POR TÓ E JOSÉ MOURA-SOARES (ERI)	3
INTRODUÇÃO	5
<u>REUNIÃO 1:</u>	
<i>"GRAVA-ME COMO SELO NO TEU CORAÇÃO" – O EVANGELHO DO MATRIMÓNIO E DA FAMÍLIA</i>	8
<u>REUNIÃO 2:</u>	
<i>"...LEVOU-OS CONSIGO ..." – A ARTE DO ACOMPANHAMENTO</i>	14
<u>REUNIÃO 3:</u>	
<i>"... ABENÇOANDO-OS DISSE-LHES...." – A VOCAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO</i>	20
<u>REUNIÃO 4:</u>	
<i>"FAREI DE TI A MINHA ESPOSA PARA SEMPRE" – EDUCAR PARA A FIDELIDADE</i>	27
<u>REUNIÃO 5:</u>	
<i>"... MAIS QUE VENCEDORES" – A FRAGILIDADE DO CASAL E DA FAMÍLIA</i>	34
<u>REUNIÃO 6:</u>	
<i>"...SOMOS SUAS TESTEMUNHAS E POR ISSO VOS FALAMOS DELE" – EDUCAR PARA A FÉ</i>	41
<u>REUNIÃO 7:</u>	
<i>"E ASSIM SE FEZ A LUZ" – O VALOR SOCIAL DO MATRIMÓNIO E DA FAMÍLIA</i>	47
<u>REUNIÃO 8:</u>	
<i>"COMO NÃO SABEIS RECONHECER O TEMPO PRESENTE?" – DINÂMICAS CULTURAIS</i>	53
<u>REUNIÃO DE BALANÇO:</u>	
<i>MUROS NÃO, PONTES SIM</i>	60
<u>ANEXOS</u>	63

MUROS NÃO, PONTES SIM

OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Caros Casais e Conselheiros Espirituais das ENS:

A Equipa Responsável Internacional está consciente da resposta que os casais suprarregionais e regionais deram ao Senhor, respondendo em nome de todo o Movimento «**Eis-me aqui Senhor: envia-me**», durante o Encontro Internacional «**Roma 2015**». Hoje, guiados pelo mesmo espírito, queremos propor-vos um novo tema de estudo para o ano 2016/2017 baseado no tema do Sínodo dos Bispos «**Os desafios pastorais da Família na Nova Evangelização**», cuja dinâmica de desenvolvimento através do Evangelho já vos é familiar.

Nesta proposta encontraremos o desafio constante do Evangelho, os ensinamentos da Igreja e os repetidos e incessantes apelos do Papa Francisco na audiência que tivemos em Roma – escutar, rezar e agir – insistindo sobre o papel missionário dos casais e pedindo-nos para fazer frutificar a riqueza que nos foi confiada graças às Equipas de Nossa Senhora.

No espírito de internacionalidade do nosso Movimento, este tema foi preparado por uma Equipa da Supra Região Itália.

Se o Anúncio da Boa Nova – neste caso concreto o «Anúncio da Boa Nova do Matrimónio» - contém a alegria vivida na vida do casal e da família, o Anúncio do Evangelho da Família constitui uma parte integrante da missão a que fomos chamados e para a qual somos orientados.

Portanto, há que desejá-lo com todas as forças e não ter medo porque a revelação de Deus ilumina a realidade das relações entre as pessoas.

O mundo vive uma profunda crise humanitária devida aos elevados níveis de pobreza, privações, guerras e conflitos, perseguições religiosas; o extremismo cresce, as vagas de refugiados são cada vez mais numerosas. No entanto, na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia podemos ler que «Há momentos em que somos chamados, de maÉ necessário propor uma visão aberta da família, demonstrar a importância de um amor vivido em família, como sinal eficaz da presença do Amor de Deus, «santuário de amor e de vida».

Que este acento colocado sobre a Misericórdia tenha sobre todos nós um forte impacto nas questões relativas ao casal e à família, independentemente dos nossos limites e dos pecados que possamos ter cometido. Que a Misericórdia de Deus nos abra à conversão e a uma permanente renovação!

Pela Equipa Responsável Internacional Tó e José Moura Soares neira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos **sinal eficaz do agir do Pai.**»

É necessário propor uma visão aberta da família, demonstrar a importância de um amor vivido em família, como sinal eficaz da presença do Amor de Deus, «**santuário de amor e de vida**».

Que este acento colocado sobre a Misericórdia tenha sobre todos nós um forte impacto nas questões relativas ao casal e à família, independentemente dos nossos limites e dos pecados que possamos ter cometido. Que a Misericórdia de Deus nos abra à conversão e a uma permanente renovação!

Pela Equipa Responsável Internacional

Tó e José Moura Soares

MUROS NÃO, PONTES SIM

OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

INTRODUÇÃO AO TEMA

O PERÍODO SINODAL - Família, para onde vais? No mar tormentoso da humanidade que entrou no segundo milénio cristão, a família continua a sua navegação. O seu papel central e insubstituível (Papa Francisco, Encíclica *Laudato Si'*, 213) enfrenta todos os dias novos desafios, por vezes lancinantes, muitas vezes emocionantes. Tal como certos metais que, sob uma grande força de torção, não quebram nem se dobram, mas se deixam modelar e deformar para depois voltarem à forma original, de maneira análoga a família é “resiliente”. Enfrenta as provocações do nosso tempo, deixa-se interrogar, redefine equilíbrios e prioridades, tendo sempre como ponto de referência o pensamento e sobretudo o sonho de Deus sobre a família.

A Igreja Católica também se interroga sobre o destino da família contemporânea. Já o fez ao mais alto nível através do Sínodo. Depois da primeira convocatória em sessão extraordinária (outubro de 2014) e da sua celebração em sessão ordinária (outubro de 2015), chegou a hora de agir em conformidade com o que o Espírito pede à Igreja, isto é, que seja sempre a Esposa fiel de Cristo. Chegou a hora dos muitos desafios pastorais que esperam pela família no contexto da “nova evangelização”.

“Sínodo” é uma palavra grega que significa “caminho (odos) percorrido em conjunto (syn)”. É uma palavra que indica uma realidade e uma tarefa. A realidade é esta de uma Igreja que é o povo de Deus reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (ver Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, 1), Corpo de Cristo vivo no mundo e no tempo (*Idem*, *Lumen gentium*, 7). Uma realidade que é, portanto, “sinodal” na sua essência profunda. A tarefa consiste em caminharmos juntos, entrecruzando os diversos percursos pessoais e comunitários, procurando as melhores formas de sermos “um” com o Senhor e de o testemunharmos a todo o mundo. Um caminhar juntos que envolve todo o povo de Deus: leigos, sacerdotes, religiosos. Só juntos podemos compreender o que o Senhor pede à família nas atuais condições de vida.

A ESTRUTURA DO TEXTO - O ponto de partida (Cap. 1) é um olhar de fé sobre o casal e a família: o “evangelho do matrimónio e da família”. Com esta expressão não se pretende apenas aludir ao conjunto de passagens do Evangelho em que se fazem referências à família, mas, muito mais do que isso, a essa realidade profundamente humana – a família como parte integrante da boa obra da criação de Deus – na qual se refletem com particular clareza a luz e a graça provenientes de Cristo. É neste sentido que a família pode ser definida como um “evangelho”: ou seja, uma realidade humana (lado a lado com muitas outras: o “evangelho” da vida, do trabalho, do sofrimento...) iluminada e sustentada por aquele Deus que em Jesus se revela e se entrega. Pode, assim, resplandecer como “boa nova”, cheia de beleza, para toda a humanidade.

Enquanto “evangelho”, a família encontra dentro de si duas dimensões: a verdade e a misericórdia, o projeto de Deus tal como foi revelado por Jesus e, conjuntamente, a pedagogia de Deus, que se inclina sobre as suas criaturas para as acompanhar numa caminhada de crescimento gradual, marcado pela sua ternura. Temos assim o Cap. 2, dedicado aos meios de acompanhamento das famílias. Um impulso que o magistério do Papa Francisco nos transmite com uma força particular: nenhuma família é perfeita, cada família é frágil e, no entanto, traz dentro de si um “tesouro em vasos de barro” (2 Cor 4,7), pelo que incumbe à Igreja Mãe e Mestra levá-la pela mão e acompanhá-la no seu crescimento.

O itinerário deste crescimento inicia-se com a vocação para o matrimónio e, ainda antes, com a educação para a sexualidade e para a afetividade (Cap. 3). Passamos, depois, a ter em consideração o valor da fidelidade dentro e fora do matrimónio (Cap. 4). Torna-se, pois, inevitável que cada família se confronte com o mistério da sua própria fragilidade pessoal, de casal e de pais, onde, por outro lado, se torna possível fazer a experiência de uma nova etapa da fidelidade e da fecundidade de Deus mesmo na provação. Uma fragilidade que, no nosso tempo, conhece novas formas com as famílias divididas, separadas, “alargadas” ou em novas uniões (Cap. 5). A importância da família merece, portanto, um aprofundamento à parte sobre a experiência da procriação e da educação dos filhos (Cap. 6) e o valor da família no contexto social (Cap. 7); tal como o papel da família na tarefa da evangelização da cultura contemporânea e das suas dinâmicas (Cap. 8). O texto termina com a parte relativa ao balanço da equipa (Cap. 9).

O MÉTODO SINODAL - Ao prosseguir plenamente no rumo traçado pelo Concílio, o Sínodo indicounos também um método – teológico, pastoral e eclesial – a ser seguido. Trata-se do método de “ver-julgar-agir” (ver as três primeiras partes do primeiro Relatio Synodi), que podemos reformular como o método dos “três is”: indutivo, inclusivo, itinerante. Nos vários capítulos do nosso Tema de Estudo internacional procurámos manter-nos fiéis a este método. Um símbolo gráfico assinala cada uma das três partes: uma cara que olha para o “ver”, uma cara que pensa para o “julgar” e uma cara que caminha para o “agir”.

Método indutivo



Antes de mais, somos convidados a uma leitura da realidade contemporânea com um olhar atento e uma escuta confiante. De facto, a história do homem e a da família em particular, estão recheadas de frutos do Espírito de Cristo, sendo confiada aos crentes a tarefa de uma interpretação e de um discernimento. Neste nosso tempo, vemos em ação muitos sinais de rutura e de crise na família, mas os sinais e as ocasiões positivas são ainda mais fortes e promissores, aquilo a que o Concílio Vaticano II chamava “os sinais dos tempos”. Por exemplo, enquanto os laços conjugais parecem hoje mais frágeis, ao mesmo tempo foram sendo criadas condições para uma melhor conjugalidade do que em tempos passados: relações afetivas de qualidade, uma melhor relação com as próprias emoções, uma maior igualdade e respeito pela dignidade da mulher, uma valorização da importância da ternura e da complementaridade. A mesma fidelidade conjugal, embora fragilizada pelo múltiplos ataques e traições, é hoje possível de uma forma melhor que no passado, mais como dimensão da consciência e da convicção interior do que como o resultado da rigidez e do controlo exercido pelos costumes sociais. Uma fidelidade “positiva”, que se constrói dia a dia, muito mais do que pelo simples respeito (“negativo”) do “não cometer adultério”.

Método inclusivo



Para sermos precisos, mais do que um método “indutivo” (que é próprio das ciências da observação e da experiência) o nosso é um método “fenomenológico”. A leitura dos acontecimentos familiares torna-se assim numa “visão interpretativa”, isto é, um “ver” que é já um “julgar” feito à luz e à medida da Revelação de Jesus. E mesmo o próprio “agir” não é apenas uma banal passagem da teoria à ação, mas tem em si mesmo um valor revelador: de facto, é apenas na ação e na sua narração que se compreende sempre mais e melhor o evangelho da família. Os três momentos (ver-julgar-agir) não são sequenciais, mas qualquer um deles pressupõe e invoca os outros dois.

Ao tratar os diversos aspetos da família, o Sínodo exortou-nos repetidamente a saber fazer emergir e *incluir* os elementos positivos do nosso tempo (por ex. nos artigos 5, 35, 41 do primeiro *Relatio Synodi*) para sublinhar *depois* os aspetos problemáticos. Notemos que esta abordagem “positiva” não é por simpatia ou por bondade. O método inclusivo é rigorosamente teológico porque parte da *plenitude de Cristo* para passar depois a considerar o que há e, portanto, o que ainda falta para se atingir essa plenitude. Numa perspetiva, como é evidente, de um crescimento e de uma maturação.

São, portanto, dois os “focos” deste olhar sobre a família: a verdade e a misericórdia. A primeira orienta a nossa reflexão e o nosso discernimento, convidando-nos constantemente a levantar o olhar para essa plenitude de amor revelada por Deus. Trata-se de alargar as nossas medidas sempre muito limitadas para nos deixarmos orientar e guiar pelos padrões elevados do Evangelho: “amai-vos como eu vos amei”. Por outro lado, a misericórdia não pode ser reduzida a uma simples virtude moral e, ainda menos, a uma bondade genérica segundo a qual tudo vai bem. É a síntese e o arquétipo de todo o agir de Deus na história da salvação: um Deus que age na fragilidade do homem, apesar e para além dessa fragilidade. Tal como na antiga arte japonesa do Kintsugi, a misericórdia é a capacidade de reparar os cacos partidos da vida utilizando um betume de ouro, de valor inestimável, para que o vaso assim reparado, cintilante ao sol com todas essas finas nervuras de ouro, possa parecer muito mais belo e esplendoroso do que antes. Assim, aí «onde aumentou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5,20).

Verdade e misericórdia são igualmente necessárias e reciprocamente implicadas. Apenas a verdade conduziria a uma evangelização que somente divide e exclui, apenas a misericórdia impediria de voltar o olhar para a meta a atingir.

Método itinerante



Chegamos assim ao terceiro aspeto do método: um método itinerante, capaz de se tornar companheiro de viagem do homem de hoje. Para uma Igreja que não seja apenas Mestra da verdade e Mãe de misericórdia, mas também Irmã para a caminhada. Tudo isso pela sua capacidade para abordar, tomando a iniciativa (primeirar), as diferentes situações humanas e familiares, muitas vezes tornadas mais pesadas por muitos defeitos e omissões, para as ajudar a crescer, num itinerário progressivo e gradual, marcado não só pela misericórdia e pela ternura de Deus, mas também pela meta muito elevada a ser atingida. O Sínodo exortou-nos a sermos uma Igreja perita em humanidade e maternal no acompanhamento da caminhada de crescimento. A partir da 3ª reunião deixaremos as questões sobre a ética do acompanhamento para favorecer e alimentar o estilo que o Papa Francisco nos indica:

*“Jesus demonstra que a condescendência divina acompanha sempre o caminho humano, purifica e transforma com a sua graça o coração endurecido, orientando-o para o seu princípio, através do caminho da cruz” (Relatio Synodi, n.14). Neste domínio a orientação do Papa Francisco é muito forte: “sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia. *...+ Um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades. A todos devem chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que agem misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas” (Idem, n. 24, citação do Papa Francisco, Evangelii Gaudium 44).*

DUAS IMAGENS SINTÉTICAS

A ostra perlífera

A pedagogia divina, que enquanto igreja somos chamados a imitar, convidanos a compreender que a história concreta de tantas pessoas e tantas famílias não é o que nos “suja” e nos distancia da plenitude do projeto de Deus, representando pelo contrário o meio, a oportunidade e o caminho. Um meio obviamente limitado, parcial, insuficiente e, portanto, sempre imerso num caminho de conversão permanente, mas todavia real e positivo. É daqui que devemos voltar a partir para fazer face aos desafios da fé.

Nesta perspetiva, até mesmo o mal e o pecado, na medida em que se abram à luz da conversão, podem tornar-se caminho e ocasião de crescimento. A história da salvação não é nada mais do que a história do pecado dos homens e das mulheres. É esta a força maravilhosa e superabundante do Evangelho de Cristo morto e ressuscitado: Deus salva-te *apesar* do teu limite e do teu pecado, mas *no teu limite e no teu pecado*. A força da misericórdia de Deus surgiu de tal forma superabundante que até os limites e o pecado se podem tornar lugares de salvação. Como se a vida do homem fosse semelhante ao grão de areia lançado para dentro da ostra num dia de tempestade e que a ostra, em vez de o lançar para fora de si, maravilhosamente o transforma numa pérola preciosa, envolvendo-o na membrana do amor com paciência e gradualidade.

O farol e a tocha

Diante das famílias do nosso tempo, expostas a numerosos perigos e contradições, o Sínodo exorta toda a Igreja a ser “como a luz do farol de um porto ou de uma tocha na noite” (Relatio Synodi n.28). A luz do farol está apoiada no rochedo seguro da verdade e da tradição e o seu piscar solene e seguro atravessa a escuridão da noite, assinalando o caminho aos navegantes em dificuldade durante a tempestade para que possam evitar os escolhos perigosos e navegar até ao porto desejado. Pelo contrário, a luz da tocha fala-nos de uma luz muito mais humilde e trémula, capaz de iluminar apenas alguns passos do caminho, no entanto suficiente para se poder avançar na escuridão do caminho, entrevedo o pequeno trajeto que assim pode ser percorrido. A luz da tocha também é estável e segura como a do farol, mas pode mover-se, caminha com o povo, é itinerante: não se limita a estar quieta para assinalar o caminho e os perigos a evitar, mas desce ao longo dos sendeiros do homem e faz-se companheira da peregrinação das famílias na noite do mundo. É luz amiga e companheira fiel da viagem, que não alumia todo o caminho, mas sabe tornar firmes e seguros os primeiros passos para que possamos preparar os passos seguintes até chegarmos à meta desejada. Farol no porto e tocha na noite: é a imagem da Igreja solidária com a família que o Sínodo nos exorta a construir.

Reunião nº 1

"GRAVA-ME COMO SELO NO TEU CORAÇÃO" – O EVANGELHO DO MATRIMÓNIO E DA FAMÍLIA

I - A Palavra de Deus

Do Cântico dos Cânticos (Ct 1, 2-3; 2, 2-3; 4, 1-11; 8, 6)

Que ele me beije com beijos da sua boca! Melhores são as tuas carícias que o vinho.

Ao olfato são agradáveis os teus perfumes, ... Sou semelhante a ti, minha amiga.

Ah! Como és bela, minha amiga, como és bela!

Ah! Como és belo meu amado, como és gracioso! Sim! Como és bela, minha amiga, como és bela!

Toda bela és tu, ó minha amada, e em ti defeito não há.

Vem do Líbano, esposa, vem do Líbano, aproxima-te. Roubaste-me o coração, minha irmã e minha noiva, Roubaste-me o coração com um dos teus olhares, Como são doces as tuas carícias, minha irmã e noiva!

Os teus lábios destilam doçura, ó minha noiva; há mel e leite sob a tua língua.

Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço;

Porque forte como a morte é o amor, implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas.

O amor é o protagonista deste poema, cantado com imagens esplêndidas: sonho, desejo e paixão. No livro são narradas as emoções do encontro e da união sexual: corpo e espírito unidos para se perderem e juntos construírem uma nova identidade e uma nova existência.

No poema a descrição dos corpos dos dois enamorados evidencia o assombro e a maravilha da beleza encontrada. O amor torna-se assim a escolha definitiva da própria existência, na qual se pode intuir a beleza do outro e do eterno. A emoção requer a vontade, o projeto e, nesta abertura ao futuro, o amor entre o homem e a mulher abre-se para o absoluto de Deus.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

Sendo as ENS um Movimento de espiritualidade conjugal, queremos principalmente chamar a atenção para o amor do casal que é a raiz e o fundamento da família. O amor do casal é a **"Boa Nova do Matrimónio"**.

Questionemo-nos: qual é a boa nova para nós, marido e mulher cristãos deste tempo?

A palavra evangelho significa precisamente "boa nova". De facto, essa palavra contém uma perspetiva de alegria que é transmitida para fora do próprio casal e que se concretiza na sua fecundidade e na sua missão evangelizadora. O Sínodo chama-nos ainda mais responsabilmente a esta missão.

Por outro lado, a "boa nova" do amor de casal refere o facto de esse amor ser um evento, qualquer coisa que nos é dada em permanência, como uma prenda propícia. Antes de o termos escolhido, o amor conjugal foi-nos doado por um destino misterioso e benévolo ... *"ela foi-te destinada desde a eternidade"* (Tb 6, 18).

A fé cristã intervém depois para nos dar a mão e para nos conduzir à descoberta da insuspeitável profundidade desta boa nova. Ela é, de facto, imagem e reflexo de um acontecimento muito mais importante, o verdadeiro “evangelho” da história humana que é Jesus Cristo (ver Mc 1,1; 1 Jo 1,1). Os dois evangelhos, o de Jesus e o do casal passam então a estar intimamente ligados. O evangelho de Jesus – o evangelho que é Jesus – é, de facto, a fonte do amor do casal. E, por outro lado, o amor do casal, pelo seu próprio maravilhoso e espantoso “despertar” é um raio do amor de Jesus que nos atinge e nos toca. É mesmo através dessas mãos que nos abraçaram, desses beijos que nos acolheram, desse coração que nos desejou – de que nos fala o Cântico dos Cânticos – que cada um de nós começou a experimentar, de uma forma muito concreta, a ternura de Deus. Foi no evangelho do casal, no seu “despertar” surpreendente e grato que cada um de nós recebeu o primeiro e longínquo anúncio do Evangelho de Jesus: o amor.

A dimensão conjugal é a base para a construção da família. A reflexão tem assim o objetivo de descobrir que o fundamento de uma família sã é determinado pelo impulso inicial do amor entre um homem e uma mulher. Esta é a “Boa nova do Matrimónio”.

Reconhecemos esta escolha como a expressão do amor de Deus para continuar a Sua criação? Procuremos recuperar, nas recordações, o nosso mundo emotivo e afetivo. O que éramos antes do nosso matrimónio? Que emoções, sentimentos e sensações foram por nós vividos? Percorrendo a nossa história desde o início poderemos revalorizar a nossa “Boa Nova”, que nos ajudará a adquirir uma maior consciência do nosso matrimónio, da nossa família e da nossa missão.

Mesmo as fadigas e as dificuldades da família do nosso tempo podem ser enfrentadas e suportadas pela bondade do amor do casal e da família.

III – A realidade recontada



«De repente, senti-me como que empurrada por uma mão misteriosa para Emanuele, era-me dada uma nova força, uma força que não vinha de mim, que me empurrava para ele de uma forma inexorável, uma força que não precisava de esperar as respostas às perguntas que invadiam a minha mente: “como uma macieira no meio das outras árvores do jardim”, Emanuele foi-me revelado como o homem com quem fazer o jogo da minha existência daquele dia em diante. Não fiz qualquer resistência a essa força, antes pelo contrário comecei por apoiá-la e depois deixei-me abandonar completamente, apercebendo-me talvez de algo de misterioso e inexplicável. Foi como se tivesse chegado ao fim de uma longa viagem a dois que tivesse mudado para sempre a minha existência. Só muitos anos depois reconheci no nosso encontro a presença de Deus, de um Deus que pôs a sua mão sobre a minha cabeça, que me empurrou para os braços de Emanuele e que, através dele, veio naquele momento ao meu encontro para me agarrar e alimentar em todos os dias da minha vida.» (Elena – “Casais da Bíblia e de hoje: histórias de amor em confronto” (Grupo La Vigna – EDB)

“Durante estes nossos 20 anos de matrimónio aconteceu e continua a acontecer estarmos à mercê das nossas pequenas tempestades, das pequenas faltas, que nos fazem sentir distantes e sós. ... o meu espírito não está sereno ... estou zangada contigo. Quando estamos zangados é muito difícil pensar que poderá renascer qualquer coisa de belo entre nós. Posso não responder mal, mas vem o mau humor, fico-me na minha, pensativa e em silêncio, abro distâncias enormes.

Quando não me procuras, quando sinto que não faço parte das coisas mais importantes da tua vida, então sinto-me mal. Fazem-me falta a tua atenção, as tuas palavras, o nosso estar juntos. Quando estou assim, tu compreendes que preciso de tempo para deixar passar esses momentos... Depois, quando o meu mal-estar desaparece, penso nisso e vejo o que há de belo em ti. Dou-me conta de ser por vezes exagerada. Peço-te desculpa pelo meu comportamento, por vezes frio e hostil nos confrontos contigo; lamento. Continuo sempre a amar-te.”

(Barbara e Donato, equipistas)

“... Não tenho forças para enfrentar um diálogo! Ultimamente, tenho chorado muito no silêncio da noite, torno-me prisioneira da tristeza e da solidão e fico incapaz de falar contigo. Sinto-me sozinha, estou desolada porque não me sinto compreendida, apreciada, amada ... O que é ainda pior, é que me sinto cansada e me dou conta de que me faltam as forças para recuperar a nossa união. Já não reconheço o casal harmonioso do tempo em que procurávamos o diálogo e partilhávamos a alegria quotidiana do encontro. Estou cansada, tenho medo do futuro porque tu não estás aqui. Estás muito preso pelo trabalho e a tua cabeça e o teu coração não estão aqui comigo, na nossa casa e na nossa família. O que será de nós, do nosso matrimónio? Espero que esta carta nos possa dar a força para iniciarmos uma conversa. Volta, peçote,”

(Renata e Edo, equipistas)

Para saber mais

Marc Chagall:	<i>O Cântico dos Cânticos (Pintura)</i> <i>My Lyfe – Orion Press, 1960 (Livro)</i>
Antonio Canova:	<i>Amor e Psique (Escultura)</i>
Apuleio:	<i>A Metamorfose (Livro)</i>
Carol Waitila:	<i>A loja do ourives (Livro)</i>
Zhang Ymou:	<i>Retorno a casa (Filme)</i>

IV – Reflexão



«Apenas numa intenção unitiva de projetos de vida, de construção de um “nós”, que faça crescer e acolher a fragilidade e a confiança, é possível sentir no encontro dos corpos o bem que se leva para além de nós mesmos, o bem do outro que nos chama sempre à renovação” (Casais da Bíblia e de hoje: histórias de amor em confronto” – Grupo La Vigna – EDB)

A atração e o envolvimento dos sentidos são o primeiro choque que cada homem e mulher sentem e recebem no início da sua história de amor. Este “tsunami” sensorial abala a vida dos dois que despertam para a necessidade vital de se procurarem e de se encontrarem. De facto, o amor não é um conceito abstrato ou uma ideia filosófica, antes sim uma experiência que encontra o seu fundamento nos dois primeiros capítulos do Génesis. Através da narração da Criação é, de facto, apresentada a verdade sobre a relação conjugal: o dom supremo ao homem para a sua plena realização. Depois de ter modelado o homem “com o pó da terra” e de o ter transformado com o seu sopro num “ser vivo”, Deus percebe que falta qualquer coisa. Adão está sozinho no jardim maravilhoso, mas exulta quando lhe é apresentada a mulher e reconhece a sua Eva:

“O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.». Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne».»

Torna-se então uma verdade absoluta o que Deus disse no fim da criação do mundo: *“Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa”*.

O evangelho do matrimónio é, portanto, anunciado e fundado na criação. O homem e a mulher são chamados, desde a criação, a um objetivo ambicioso que é o do desenvolvimento e do crescimento do valor de cada um, no exercício do acolhimento recíproco, do respeito, do altruísmo, da confiança de nos reconhecermos numa nova realidade que é o **“NÓS”**.

A Palavra diz-nos ainda que Deus torna o homem e a mulher procriadores e confia-lhes a obra das suas mãos: o *“Paraíso terrestre”*.

“Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» (Gn 1,28).

Portanto, a família tem a sua origem remota no sonho de Deus, no amor doado ao homem e à mulher. É por isso que quando falamos do Evangelho do Matrimónio e da Família devemos pensar em qualquer coisa que é radicalmente *“boa”*. O amor do casal, que está na origem da família, cria uma realidade boa e bela que podemos definir como o *“santuário da relação”*. É na família que se realiza a pessoa humana, resguardada pelo amor dado e recebido. A família é o lugar onde se vivem as mais variadas formas de cuidado e apoio, especialmente aos mais frágeis: crianças, idosos e doentes.

No nosso tempo *“encontra-se em muitas partes do mundo, nos solteiros, uma maior necessidade de cuidar da própria pessoa, de se conhecer interiormente, de viver mais em sintonia com as próprias emoções e com os próprios sentimentos, de procurar relacionamentos afetivos de qualidade; esta justa aspiração pode abrir ao desejo de se comprometer na construção de relacionamentos de doação e reciprocidade criativos, responsabilizadores e solidários, como os familiares (Sínodo, Lineamenta, 9)”*.

O Evangelho da família tem o sabor do leite quente ao pequeno almoço e das pantufas confortáveis. Ao mesmo tempo, a família refere a vida frenética em que por vezes tem dificuldade em seguir em frente, quase como o lugar da incomunicabilidade, da dialética hostil entre os sexos, ou até da agressividade e violência, da solidão, da incomunicabilidade e da incompreensão.

A sociedade mediática em que estamos mergulhados coloca no primeiro plano as querelas e as fragilidades do casal e da família.

“Na sociedade assistimos a uma desconsideração ou mesmo a uma recusa com motivações diversas da dimensão institucional do matrimónio. Vivida sempre e antes de mais como um “assunto privado”, a família aparenta ter iniciado um processo que a leva a perder a consciência da sua própria identidade institucional. É mesmo a própria ideia de família que é frequentemente deformada e objeto de discussão.

...No entanto, por outro lado, é igualmente necessário ter em consideração o perigo crescente representado por um individualismo exasperado que desnatura os vínculos familiares e acaba por considerar cada componente da família como uma ilha, levando a prevalecer, em certos casos, a ideia de um protagonista que se constrói em conformidade com os seus próprios desejos, assumidos como

um absoluto. A isto acrescenta-se também a crise da fé, que atingiu numerosos católicos e que muitas vezes está na origem das crises do matrimónio e da família” (Synodi Lineamenta 5).

É fácil amar quando tudo corre bem, mas inevitavelmente as dificuldades insinuam-se nas relações conjugais. Para viver em harmonia, o amor do homem e da mulher deve ser construído em cada dia com vontade, cuidado, dedicação e perdão. As muitas fadigas diárias, mesmo as mais comuns, levam os casais à crise e mesmo ao risco da separação. Mesmo nos primeiros anos de matrimónio, o casal vive a dificuldade de criar o seu próprio equilíbrio na procura do “NÓS”. O espanto, a beleza e a maravilha dos primeiros momentos são postos à prova pelas dificuldades objetivas, os dois confrontam-se com os respetivos limites, dão-se conta da incapacidade de se aceitarem como são. O mundo do outro, aquele mundo que foi visto como um “sonho”, revela-se difícil de explorar e compreender, torna-se hostil e cria distância e incomunicabilidade. É este o momento da fidelidade, da confiança renovada naquela promessa de outro tempo. *“Tens constância, sofreste por causa de mim e não perdeste a coragem. No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primitivo amor. Lembra-te, pois, donde caíste, arrepende-te e torna a proceder como ao princípio” (Ap 2 ,3-5).*

Assim, mesmo através destas fadigas, o **Evangelho do Matrimónio** pode expressar-se com maior vigor quando somos capazes de nos ultrapassar a nós próprios para acolher o outro tal como ele é, a partir do seu limite ou defeito, sabendo exaltar as suas qualidades, quando voltamos a ter confiança no outro, quando temos a coragem de saber perdoar. Então, a Boa Nova não só salva os esposos, mas torna-se testemunho para os que veem.

“Queridas famílias, como tão bem sabeis, a verdadeira alegria que se sente na família não é uma qualquer coisa superficial, não está nas coisas, nas circunstâncias favoráveis. A verdadeira alegria resulta de uma harmonia profunda entre as pessoas, que todos sentem no coração e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos ampararmos mutuamente na viagem da vida” (Papa Francisco).

Antes de terminar esta reflexão, queremos propor-vos um extrato da conferência do Padre Caffarel em Roma no dia 5 de maio de 1970.

“Penso que estarão de acordo comigo em reconhecer que este desafio lançado aos cristãos pelo ateísmo exige uma resposta urgente, a do nosso testemunho. Por muito pouco que se conheça e se ame a Deus, não podemos deixar de achar intolerável que a sua verdadeira face seja assim desfigurada e insultada. Por muito pouco que amemos os nossos irmãos, como permitir que, pelo desconhecimento do verdadeiro Deus, fiquem mergulhados na angústia, na inquietação, no absurdo; por muito pouco que tenhamos o sentido da solidariedade humana, como não nos sentirmos corresponsáveis da traição de Deus pelos cristãos? Compete a toda a Igreja revelar à nossa época a verdadeira face de Deus. Mas, em certo sentido, é muito especialmente tarefa dos casais.

Adivinho a vossa reação: “A missão é grande, demasiado grande; não temos nem tempo nem competência”. Mas se eu vos responder: Estais especialmente aptos a realizar esta missão precisamente porque sois casais. Tendes um carisma próprio. De resto, para serdes essas testemunhas que o mundo espera, não tendes necessidade de abandonar os vossos deveres familiares e profissionais; não tendes de partir para uma cruzada distante.

Vou explicar-me: é do vosso amor conjugal, do vosso lar que o mundo ateu, sem dar por isso, espera testemunho essencial”.

Para saber mais:

Sínodo dos Bispos: Instrumentum Laboris para a XIV Assembleia Ordinária, 2015

João Paulo II: Carta às famílias, 1994, 6-17

João Paulo II: Exortação Apostólica Familiaris Consortio, 1981, 4-10; 28-35

Fabrice Hadjadj: A profundidade dos sexos – para uma mística da carne, Paulinas, Lisboa, 2010

Xavier Lacroix: O corpo de carne: as dimensões ética, estética e espiritual do amor, Loyola, São Paulo, 2009



V – Pistas para o Dever de se Sentar

- Quando é que foste para mim “maravilha para os meus olhos”?
- Quando foi que nos sentimos tão próximos que pensámos ser verdadeiramente “um só”?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- Que encontros foram para nós um testemunho da “boa nova” do matrimónio?
- Quando procurámos dar testemunho da beleza da nossa união com o Senhor?

Partilha – Algumas pistas

- Qual foi a Palavra que nos fez compreender a “boa nova” do matrimónio?
- Que experiência espiritual nos fez crescer na fidelidade matrimonial?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Compreendemos a beleza e a importância da missão que Deus nos confiou? E, na nossa vida de casal, como pensamos pô-la em prática?
- Ao experimentar a ajuda de Deus, dos membros da nossa equipa ou de outros que nos são próximos, nos momentos difíceis, como podemos manter-nos ao lado dos que sofrem as dificuldades da família?

VII – Oração final

Chamaste os nossos corações pelo nome.

Colocaste os nossos pés sobre a mesma estrada.

Desenhaste o nosso caminho até ti,

e hoje a tua presença envolve num terno abraço o nosso amor.

Puseste um “sim” nos nossos lábios para anunciar a infinita maravilha do teu agir.

Vela sobre a nossa união, reforça esses passos e conduz-nos sobre essa estrada.

Dá-nos a força quando o amor humano perder o seu entusiasmo.

Fala aos nossos corações quando o silêncio se fizer sentir. (Elisa P.)

Reunião nº 2

"...LEVOU-OS CONSIGO ..." – A ARTE DO ACOMPANHAMENTO

I - A Palavra de Deus

Evangelho segundo S. Lucas 9, 28-36

Uns oito dias depois destas palavras, levando consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar. Enquanto orava, o aspecto do seu rosto modificou-se, e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante. E dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias, os quais, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando eles iam separar-se de Jesus, Pedro disse-lhe: «Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» Não sabia o que estava a dizer. Enquanto dizia isto, surgiu uma nuvem que os cobriu e, quando entraram na nuvem, ficaram atemorizados. E da nuvem veio uma voz que disse: «Este é o meu Filho predileto. Escutai-o.» Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto.

Este é um momento difícil na vida de Jesus. Tem de decidir ir para Jerusalém e sabe que o esperam momentos penosos até à morte. Por isso, sente a necessidade de subir ao monte com os seus amigos para se recolher em oração. No momento da escolha, que nos compromete e que por vezes é difícil, poderemos ter a tentação de seguir pelo caminho mais fácil de não ir “para Jerusalém” onde nos esperam insegurança e precariedade. Mas este Evangelho da Transfiguração convida-nos, a nós também, a parar para discernir antes de tomar decisões, a procurar a companhia dos amigos mais queridos, a pormo-nos à escuta para deixar espaço para Deus. Também nós podemos viver a experiência da mão de Deus que nos acompanha para os nossos “êxodos”: mesmo para nós, o caminho torna-se acessível se, para nos “acompanhar” num troço da estrada, formos de mãos dadas com os nossos amigos e companheiros de viagem. E mesmo nós podemos ser chamados a ser acompanhantes dos nossos irmãos.

Jesus é acompanhado nesta experiência de Graça por Moisés e por Elias e tem consigo os seus amigos que, mesmo que não compreendam o que se passa, ali estão com Ele. Quando alguém cuida de nós vivemos uma experiência de consolação muito forte.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

A etimologia da palavra acompanhamento (“cum panis”) remete para a partilha do pão e dos recursos com o outro. É isto que as mulheres e os homens de hoje são chamados a fazer. Acompanhamento é o contrário da solidão e do isolamento, não só físico, mas espiritual.

Mas acompanhar pressupõe toda a delicadeza e todo o respeito possíveis para com o outro: não se trata tanto de acompanhar, no sentido de “levar” o outro, ali onde eu considero dever levá-lo, significa fazer-me próximo dele, escutá-lo em profundidade e estar junto dele, ajudando-o a descobrir a verdade, para que possa seguir o seu caminho de forma única e irrepitível, criativa e pessoal.

É preciso aprender a “descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro” (cf. Ex 3,5) e “dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de

compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã” (EG 169). Isto deve estar presente tanto dentro do casal como nos confrontos com outros casais e com a família, sobretudo quando se vivem momentos de dificuldade, de sofrimento e de solidão. Nas situações mais delicadas “é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia. Um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades” (EG 44).

O acompanhamento tornar-se-á então uma arte, será vivido em bicos de pés, ou melhor, “na ponta do coração”.

O verdadeiro acompanhamento conduz à fé, à descoberta de si e da verdade, ao amor, à liberdade. Deve purificar-se da tentação de julgar o outro, de querer tornar o outro igual a mim, de querer impor o que é o bem e o que é bom para mim. Pelo contrário, o verdadeiro acompanhamento sabe esperar o outro com misericórdia e ternura, tal como Deus sabe fazer com cada um de nós.

Acompanhar é abrir-se à solidariedade entre os homens e as mulheres, é construir uma Igreja “que sai”, que sabe acolher, sustentar, praticar a misericórdia.

Acompanhar é difundir a esperança evangélica, que não é um otimismo vago, mas é crer que Deus não nos abandona nunca e que no fim o bem acabará por vencer o mal.

Acompanhar é saber dar lugar ao outro, cientes de que não somos nós, mas sim o Senhor que saberá fazer nascer os frutos na vida de cada um e na pequena Igreja que é a família.

Acompanhar é partilhar o Evangelho, apresentá-lo, dar testemunho dele com a vida, mesmo quando há feridas que a marcam.

Acompanhar é construir pontes, entre as pessoas, as ideias, as opiniões e os caminhos, que são diferentes para cada um de nós.

Acompanhar é construir a confiança, lá onde rareiam a confiança e a esperança.

III – A realidade recontada



Um casal que sabe ser companheiro e que nos incita a ser companheiros que olham juntos para o Alto:

Caros amigos, como muitos de vocês já sabem, de repente fomos confrontados com uma provação muito difícil. Foi-me diagnosticado um carcinoma hepático bastante grave e, como podem imaginar, esta situação veio perturbar a nossa existência. Ainda estamos atordoados e na minha cabeça paira uma nuvem de cenas, hipóteses, pensamentos, medos, questões. Por trás dessa nuvem nefasta e inútil, entrevejo por momentos a minha vida espiritual, vejo um lugar e procuro chegar lá. Nesse lugar, encontro o mundo, a minha mulher, os meus pais, a minha fé em Jesus está aí. Mas a coisa mais extraordinária, a esperança da cura, a força da comunhão ... é que vocês estão lá. Os nossos amigos. Sentimos-vos verdadeiramente próximos e isso faz-nos sentir a presença do Ressuscitado. ...o que do lado de fora pode parecer brilhante e vivo, é dentro de nós incerto e vacilante. Balbuciamos orações de salvação como se estivéssemos assustados, aterrorizados. Choramos e protestamos dentro de nós mesmos e sentimo-nos em sintonia com Deus nestas circunstâncias, com os pensamentos mundanos e materiais que nos atravessam, não é nada fácil. Somos espirituais por causa do sofrimento, não pelo vigor da nossa confiança, o que revela sem quaisquer restrições toda a pequenez dos nossos recursos. E, no entanto – como nos explica o Evangelho em muitas ocasiões – é na fraqueza que reside a nossa verdadeira força e é apenas quando nos sentimos aniquilados que conseguimos

fazer prevalecer o espírito de Deus, tal como é apenas quando o nosso ego está por terra que permitimos que o amor nos abrace. Concretamente isto acontece através da pessoa de Jesus, presente nas pessoas que nos rodeiam. Em todos vós. Felizmente incarnou num homem! Se tivesse sido de outra forma não sei como poderíamos ter vivido e acreditado.

...a tentação luciferiana é de nos fecharmos, de olharmos apenas para nós mesmos e para a nossa situação, como se não fizéssemos parte de uma imensa ação de amor que diz respeito ao mundo e a toda a humanidade. Procuo a presença deste amor e imediatamente o encontro, concreto e palpável, próximo de mim, na minha mulher. É, sem dúvida, o amor de Cristo e imediatamente me sinto consolado. E depois há os amigos, todos vós que sinto envolvidos e próximos que, juntamente com as vossas famílias, trazeis até mim o mundo e as histórias de milhares de percursos cruzados de vida, marcados por alegrias e dores. Rezamos por todos esses que atravessam momentos de doença e de desconforto para que Deus os envolva no seu terno abraço.

...nós os dois temos imensa sorte, nunca somos abandonados, nem sequer por um instante. Jesus diz, a propósito da amizade, que não há maior amor do que o daquele que dá a vida pelos seus amigos e estas palavras sempre ressoaram dentro de nós. É o amor de Deus que se manifesta através desta corrente de afetos no nosso dia a dia e que nos faz dizer sem temor que hoje nos amamos mais do que nunca, que estamos enamorados. Não é possível descrever o que Dora tem feito por mim: está a ensinar-me o que é a gratuidade no matrimónio. Será necessário ficarmos doentes para viver plenamente esta dimensão? Não, certamente que não! É, no entanto, indiscutível que algumas situações nos tornam mais atentos e é esta a nossa situação atual. Damos graças a Deus por nos ter feito reencontrar.

...este tempo que umas vezes parece alongar-se no futuro e outras parece contrair-se e ser breve, é o tempo para falarmos. Um tempo em que é possível desnudarmo-nos, deitar para fora todas as coisas escondidas, amarfanhadas no fundo da alma. É um tempo em que é preciso procurar uma comunicação serena, sincera e finalmente descontraída, mesmo com as pessoas com quem tivemos mais dificuldades.

(Bruno† e Dora, equipistas)

Para saber mais

Ícone Russo
Filme

Amizade, Museu do Louvre
«Another Year», Mike Leigh, 2010
«The butterfly circus», curta metragem, 2009
Gerados pelo Espírito – Éditions Qiqajon, 1994

IV – Reflexão



Se acompanhar é uma arte, torna-se necessário desenvolver uma “pedagogia” do acompanhamento, o que significa encontrar a forma de fazer-se próximo do outro, seja ele solteiro, casal ou família.

A arte do acompanhamento faz parte da própria natureza do homem que, tendo nascido para uma vida de relações, sente, portanto, essa necessidade. Os homens e as mulheres, no seu próprio percurso de relações, necessitam de se apoiar mutuamente para enfrentarem o medo da solidão e receberem ajuda para ser compreendidos.

Acompanhar é dizer ao mundo que para se caminhar é pelo menos preciso ir em casal. Não há caminho que se possa percorrer sozinho. É preciso dar apoio e ser apoiado. O Senhor prometeu nunca nos abandonar, mas como podemos sentir de forma concreta a sua presença? Sentimo-lo no irmão ao nosso lado que nos dá a mão, que partilha conosco as alegrias e as dores. É também necessário que ele próprio aceite fazer-se acompanhar.

“É preciso olhar para o outro com os olhos de Jesus. Mas Jesus também se deixa ver. Sobre a cruz fica nu diante dos nossos olhos. Os seus olhos trespassam todas as nossas dissimulações, mas tem também a coragem de se deixar olhar, mesmo morto na cruz quando já não pode olhar à sua volta. Num casal, ou mesmo na vida religiosa, aprende-se a reciprocidade da compaixão. Deixamo-nos tocar pelo que o outro vive. Olhamos para ele com os olhos abertos. Mas também precisamos de ter a coragem de nos deixarmos olhar pelo nosso esposo, pela nossa esposa; não devemos esconder as nossas fraquezas, as nossas dúvidas, as nossas inseguranças.” (T. Radcliffe, Brasília 2012)

Para deixarmos que nos olhem e nos acompanhem é preciso alimentar a confiança no outro e em Deus. Pensando na solidão e no individualismo que frequentemente acompanham as nossas existências quotidianas, podem iluminar-nos as palavras do Papa Francisco: *“... precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta; uma Igreja, que acompanha o caminho pondo-se em viagem com as pessoas; uma Igreja capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs de Jerusalém; uma Igreja que se dê conta de que as razões pelas quais há pessoas que se afastam também já incluem em si mesmas as razões para um possível retorno, mas é necessário saber ler tudo isto com coragem. Jesus deu calor ao coração dos discípulos de Emaús... Precisamos de uma Igreja que volte a dar calor, a inflamar o coração” (aos Bispos do Brasil, 2013).*

A passagem do Bom Samaritano oferece-nos uma chave de leitura para entendermos que acompanhar é *“cuidar do outro”*.

“O Samaritano viu o homem estendido na beira da estrada e encheu-se de compaixão”. Isto quer literalmente dizer que sentiu um aperto no estômago. A palavra compaixão significa sentir qualquer coisa com alguém. É bom sentir qualquer coisa por alguém. Faz parte da compaixão, mas quando isolada pode tornar-se condescendência. É também preciso sentir com o outro, dando valor ao que o outro sente e como vê as coisas.

O amor, quando entendido no sentido mais pleno de agape, implica que nos aproximemos de outra pessoa de uma forma mais íntima, mas também que deixemos espaço para que o outro seja ele próprio. A forma mais profunda de liberdade é dar a própria vida. “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gal 5.1). É esta a liberdade do matrimónio, arriscar dar-se a outra pessoa. Quem não tem a coragem de assumir esse risco, mas quer manter sempre o controlo de tudo, fica prisioneiro do seu próprio medo.

Na sociedade contemporânea, é também missão da família encorajar os outros a assumir o risco do amor. Talvez haja jovens que vivam juntos por terem medo de se comprometer. Ou talvez as pessoas que vivem segundas e terceiras relações tenham medo de sofrer outra vez e queiram manter o controlo completo das suas vidas. Encorajemo-los a deixar que Deus lhes altere os planos! (T. Radcliffe, Brasília 2012).

Acompanhar é estar **à escuta** do outro/dos outros, sobretudo com o coração. Por vezes, o risco poderá ser o de ouvir com a cabeça e depois agir de acordo com o nosso ponto de vista, com as nossas convicções, sem nos colocarmos verdadeiramente à escuta do outro. Isto passa-se também dentro do casal, da família, da equipa.

O Papa Francisco (EG 45) afirma que é inevitável que o Evangelho una as pessoas “dentro das limitações das circunstâncias”, isto é, nas suas situações concretas, marcadas pelos limites, pela fragilidade e frequentemente pelo pecado. Qualquer um que pretenda tornar-se acompanhante do irmão na estrada do Evangelho “está consciente destas limitações, fazendo-se fraco com os fracos”. Ele “procura comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar, quando a perfeição não é possível... e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”.

O Padre Caffarel diz-nos que “saber escutar é uma grande arte, mesmo quando Cristo nos adverte «vede, pois, como ouvis» (Lc 8, 18). Escutar não é apenas um exercício da inteligência. A palavra “escutar” designa não apenas uma atividade solitária, mas sim um encontro, uma troca, um coração a coração: a oração é essencialmente isto” (Caderno sobre a oração, 1966).

É evidente que a arte do acompanhamento é uma coisa completamente diferente de um saldo de indulgências ou do perdão a bons preços que, por causa da fragilidade humana, baixaria o nível da exigência evangélica. Pelo contrário, “embora possa parecer óbvio, o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus... O acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentivasse esta reclusão das pessoas na sua imanência e deixasse de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai.” (EG 170). O verdadeiro acompanhante “não transige com os fatalismos nem com a pusilanimidade. Convida sempre a querer curar-se, a pegar no catre, a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar” (EG 172). Os que se contentam com a mediocridade para si e para os outros, instalando-se talvez na desculpa da fragilidade humana, deixam de ser “peregrinos” feridos e curados a caminho de Deus, para ser “errantes, que giram indefinidamente ao redor de si mesmos, sem chegar a lado nenhum” (EG 170).

O acompanhamento dos irmãos ao longo dos caminhos do Evangelho requer as qualidades humanas de atenção, inteligência e ternura que emanavam do coração de Cristo quando Ele se aproximava dos pobres, dos pecadores, dos desencaminhados. O Papa Francisco exorta-nos a assumir também nós estes sentimentos do coração de Cristo. E fá-lo constatando, não sem uma certa amargura, que, pelo contrário, a misericórdia evangélica é muitas vezes traída pelas formas rígidas e duras que obscurecem o anúncio da Boa Nova e que nos levam a agir “como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna” (EG 47).

Para saber mais

**Relatio Sinody - Lineamenta
Familiaris Consortio
Lumen Gentium
Carta do Papa às famílias**

V – Pistas para o Dever de se Sentar

No matrimónio não devemos nunca deixar de olhar para a pessoa com quem casámos. Mas ao fim de alguns anos de matrimónio pensamos conhecer tão bem o outro que já não precisamos de olhar para ele!



- Frequentemente o medo cega-nos: arrisco-me a olhar e a ser olhado pelo outro? Quais são as dificuldades que encontro?

- Num diálogo aberto e profundo com o outro, arrisco-me a começar pelo que “sinto”, pelo que “procuro” antes do que temos para dizer e fazer?
- A oração é para nós um momento para comunicar em profundidade com o outro? Abandonamo-nos de uma forma transparente à ação do Espírito?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

“Se querem fazer com que Deus se ria, contem-lhe os vossos planos”. O amor desmonta os projetos que estabelecemos com cuidado para a nossa vida. Se amamos, devemos então, de alguma forma, perder o controlo das nossas vidas, porque não podemos prever antecipadamente que coisas o amor nos irá pedir.

- Sabemos ler as mudanças sociais que atingem a família de hoje? Quais as implicações para a nossa vida quotidiana à luz da fé?
- Deixamo-nos acompanhar, com confiança, pelo Pai “para que ele próprio construa a história dos nossos dias” (H. Câmara).

Partilha – Algumas pistas

O caminho dentro do casal e junto com as outras famílias requer que não nos centremos em nós mesmos para nos voltarmos verdadeiramente para os outros; não é fácil e esta é uma força que podemos encontrar no encontro com Jesus.

- Vou na direção certa, caminho para a escolha da minha regra de vida?
- Estar à escuta não é apenas ler; como “saboreio” e “contemplo” a Palavra e que resposta provoca em mim?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Cada um de nós traz no seu coração a memória de uma pessoa em particular, de quem se sentiu próximo em qualquer momento da sua própria história. Que influência teve sobre mim, sobre ti, sobre o nosso casal?
- Sinto-me capaz de ser companheiro, testemunha e profeta na minha família? Quais são hoje os obstáculos para caminhar “ao lado do outro”?

VII – Oração final

Caminhas com aquele que te quer bem, mas nunca te deténs diante dele porque nunca darias por isso se por acaso ele parasse diante de qualquer dificuldade.

Nunca ficas para trás, porque nos momentos mais felizes não conseguirias ver a alegria sobre o seu rosto e nos momentos mais difíceis não verias as suas lágrimas.

Caminha a seu lado e lembra-te de o socorrer se por acaso ele cair ...

Nunca sejas um peso para os que te querem bem, mas uma companhia feliz no caminho da sua vida.

Reunião nº 3

"...ABENÇOANDO-OS, DISSE-LHES..." – A VOCAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO

I - A Palavra de Deus

Génesis 1, 26–28

Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disselhes: «Crescei, multiplicai--vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.»

Génesis 2, 22-25

Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher – Ishah –, visto ter sido tirada do homem – Ish.!» Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne. Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha.

“Quando lemos no Génesis a narração da Criação, corremos o risco de imaginar que Deus foi um mago, com uma varinha mágica capaz de fazer tudo. Mas não é assim! Ele criou os seres e deixou que se desenvolvessem segundo as leis internas que Ele mesmo inscreveu em cada um, para que progredissem e chegassem à própria plenitude. E deu a autonomia aos seres do universo, assegurando ao mesmo tempo a sua presença contínua, dando o ser a todas as realidades. E assim a criação foi em frente por séculos e milénios, até se tornar aquela que hoje conhecemos. ...Ao contrário, no que se refere ao homem, nele há uma mudança e uma novidade. Quando, no sexto dia da narração do Génesis, chega a criação do homem, Deus confere ao ser humano outra autonomia, uma autonomia diferente daquela da natureza (feita de um destino necessário), que é a liberdade. E diz ao homem que dê um nome a todas as criaturas e progrida ao longo da história. Torna-o responsável da criação, também para que domine a Criação e a desenvolva, e assim até ao fim dos tempos”. (Papa Francisco – 27 de outubro de 2014).

Com este gesto divino, que marca a descontinuidade entre o ser humano e o resto da criação, Deus situa o homem no território difícil da liberdade, dirigindo-se “ao ish” (o homem) com uma linguagem que é feita de dignidade e responsabilidade, que dá em medidas iguais. Depois Deus sai de cena e deixa Adão estupefacto com a criação de Eva: “Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne”. Adão não vê uma coisa diferente de si mesmo, mas uma coisa semelhante, a mesma carne, os mesmos ossos, reconhece-a como parte de si. O homem e a mulher têm agora a mesma dignidade e são os únicos soberanos da criação, livres para responder ao chamamento de Deus.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

Neste terceiro capítulo continuamos a nossa reflexão para compreender o que significa a vocação para o matrimónio.

Questionamo-nos, desde a nossa adolescência, sobre o sentido da nossa vida e todos os dias continuamos a fazer essa pergunta. A nossa resposta como cristãos é que a vida é a vocação para o Amor. Mas o que quer dizer sermos chamados para o Amor?

Em sentido figurado, a palavra vocação significa *ser naturalmente levado por qualquer coisa*, pelo contrário, familiarmente é-lhe atribuído o significado de *atitude, disposição, inclinação, propensão*.

A *Gaudium et Spes*, ao proclamar a grandeza da vocação do homem que é convidado à comunhão e ao diálogo com Deus, dá-nos um primeiro ponto de reflexão: *“Deus é amor (1 Jo 4,8) e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão (GS 12). O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano”*.

Na *Familiaris Consortio*, no Cap. 11, encontramos escrito que *“A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimónio e a Virgindade. Quer um quer outro, na sua respetiva forma própria, são uma concretização da verdade mais profunda do homem, do seu «ser à imagem de Deus»”*.

O livro do Génesis afirma: *Deus criou o ser humano à sua imagem ... Ele os criou homem e mulher. O ser humano que Deus tinha na sua mente era uma pessoa, uma pessoa sexuada, uma unidade inseparável: corpo e alma. Enquanto dotado de um corpo, a pessoa sente uma inclinação natural para o outro sexo e o desejo de ter alguém a seu lado*.

Quando adolescentes, começámos a interrogar-nos sobre o que somos e qual a razão de ser da nossa existência, e fomos experimentando progressivamente, juntamente com a nossa corporeidade, também a nossa vida afetiva e a descoberta da genitalidade. Experimentámos as diferentes fases do amor, que iam do amor por si mesmo ao amor mais maduro: o amor oblato (*agape*) onde convergem os níveis físico-biológico e o afetivopsicológico. Agora como casal compreendemos até ao fundo a verdade do amor. O casal experimenta a ligação mais sólida que as pessoas humanas podem construir. Casar pela Igreja significa, entre outras coisas, pôr à disposição de Deus o próprio amor para que seja transformado em anúncio do Seu Amor. O Papa Francisco recorda que é por força deste amor que, com efeito, em virtude do Sacramento, os esposos são revestidos de uma autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja (Papa Francisco, 2 abril 2014).

III – A realidade recontada



Caríssimos amigos, Antes de iniciar a nossa celebração queremos partilhar convosco os nossos pensamentos... e o quanto fizemos em relação a este dia! Sonhos, desejos desde que éramos jovens mas aquele rosto virado para nós não estava bem definido até que nos encontrámos... Algumas vezes demos por nós a pensar:

Carlo: E se eu nunca te tivesse encontrado?

Marta: Se os nossos caminhos não se tivessem cruzado? Ter-nos-ia faltado qualquer coisa! As nossas vidas teriam sido incompletas...

Mas sabem, nós compreendemos que não nos teria faltado a outra metade da maçã, aquela que coincide sempre perfeitamente... Ter-nos-ia faltado aquele que nos escolhe! Todas as manhãs quando acordamos, todas as noites ao regressar cansados de um dia de trabalho: depois de cada discussão ou mal-entendido... Hoje estamos aqui para dizer a nós mesmos, diante de Deus e de vós o que ESCOLHEMOS...

Eu, Marta, escolho-te a ti, Carlo...

Eu, Carlo, escolho-te a ti, Marta, e quero-te a meu lado...

Todos vós, que viveram connosco o nosso caminho, alguns aqui perto de nós, outros um pouco mais longe

...E hoje pedimos-vos que vivam connosco este novo ponto de partida... Sabemos que o nosso matrimónio durará e será sólido e forte se caminharem ao nosso lado! Porque o matrimónio não é um assunto privado, mas uma relação de dois que se abrem ao mundo, pedimos-vos, a vós que sois o nosso mundo, que estejam connosco hoje e amanhã cada vez mais!

(Marta e Carlo)

*“Deus diz: casal cristão, tu és o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra, e no céu as grandes luminárias, reconheci nas minhas criaturas vestígios das minhas perfeições e achei que era bom. Quando cobri a terra com o seu grande manto de campos e florestas, vi que era bom. Quando criei os inumeráveis animais conforme as suas espécies, observei nesses seres vivos um reflexo da minha vida transbordante e achei que era bom. De toda a minha criação elevava-se um hino solene e alegre, celebrando a minha glória e as minhas perfeições. E mesmo assim, em parte alguma encontrava a imagem do que é a minha vida mais secreta, mais ardente. Então despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo: e foi a minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, par humano, “à minha imagem e semelhança” e, desta vez, eu vi, ou achei que era **muito bom**. No meio deste universo, onde cada criatura soletra a minha glória, celebra as minhas perfeições, surgia por fim o amor, para revelar o meu Amor. Casal humano, minha criatura bem-amada, minha testemunha privilegiada, compreendeis agora porque me és querido entre todas as criaturas, compreendes a enorme esperança que ponho em ti? És o portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão de esperança... porque tu és o amor”. (H. Caffarel)*

Estou com o meu companheiro há já dois anos. É um bom tipo. Naturalmente ainda discutimos, mas, bem-feitas as contas, entendemo-nos. E, no entanto, às vezes surpreendo-me a questionar se não haverá alguém que se adapte melhor a mim. Serei feliz com ele? Como posso perceber se é o homem da minha vida?

(Andreina)

“...aproveito esta oportunidade para expressar a minha opinião sobre o matrimónio, essa instituição que parece agora ter terminado o seu tempo... Começo por dizer que o problema não é o matrimónio em si, penso nos que coabitam e os problemas são os mesmos. O facto é que deveria ser um contrato renovável, por exemplo, de cinco em cinco anos. Frequentemente, casamo-nos muito jovens, naquele momento estamos enamorados e parece a coisa mais acertada a fazer; mas ao fim de dez, quinze, vinte anos temos a certeza de sermos a mesma pessoa? Muitas vezes mudamos ou descobrimos aquilo que verdadeiramente nos dá prazer, ou o que somos no nosso íntimo, ou que a pessoa que está ao

nosso lado não corresponde ao que esperávamos. Mas pelo meio estão os filhos, as hipotecas e vários outros problemas para além do afeto por quem faz parte da nossa vida há muito tempo... Se fosse possível ter outras vidas, seria muito mais fácil. A verdade é que estamos todos num equilíbrio entre a realidade e aquilo que quereríamos... Quando está em jogo apenas o sexo, a coisa torna-se muito mais fácil ou, pelo menos, menos dolorosa... Talvez fosse isto que devesse desaparecer depois de contraído o matrimónio: a possibilidade de nos enamorarmos por um outro e tudo seria muito mais simples...”

Carta a Natalia Aspesi no “Venerdì di Repubblica”

Para saber mais

J. Allemand

Henri Caffarel – Um homem cativado por Deus.
ENS e Lucerna 2007

**Bernadette et B. Chovelon
Filme**

L’avventura del matrimonio. Ed. Qiqajon. Magnano (BI) 2013

«Tutti i santi giorni» - Relização: Paolo Virzi Italie 2012

«O caminho para Santiago» - Realização: Emilio Estevez USA 2010

Pintura:
1600

Caravaggio: Vocação de S. Mateus: São Luís dos Franceses, Roma, 1599-

Entrevista ao Papa Francisco por Antonio Spadaro, Santa Marta, 19 agosto 2013

IV – Reflexão



Como posso perceber se é o homem da minha vida?

Esta pergunta de Andreina é o resultado de um trabalho de reflexão interior que é necessário empreender para chegarmos a compreender quem somos nós mesmos. O homem desde sempre procurou a sua identidade profunda, aquela Voz que o chama a “ser”. Mas sozinho não pode conseguir compreender o mistério da sua identidade. Apenas o pode fazer em relação ao outro. Desde o início o homem não dá a vida a si mesmo, antes a recebe dos outros. É sempre assim, no caminho da vida a identidade profunda nasce e define-se nas relações com os outros. O homem é chamado à liberdade, a ser protagonista da sua vida, mas sempre a partir de uma relação com alguém. Não é um *self-made man*, uma pessoa autorreferenciada.

Por isso se diz que a vida do homem é “vocação”, “chamamento”. A sua identidade profunda é despertada e revelada por outros. É tudo como se a pessoa fosse animada interiormente por uma voz que suavemente a conduz para o princípio e para as suas promessas. A vocação muda-nos. Com ela o homem é como que desenraizado de si mesmo; é uma rutura com o passado e, de um certo ponto de vista, a morte. É preciso abandonar tudo para se tornar o que Deus quer. A vocação é um nome novo: *“o que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas. Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe”* (Ap 2,17). Esta voz que chama o homem à sua verdadeira identidade vem de Deus. **A vocação é chegar à união com a vontade de Deus** e, apenas à luz desta união, o homem se conhece verdadeiramente a si mesmo. A vocação não é a expressão de qualquer coisa que já existe, mas é a realização, dada pela graça, daquilo que o homem é chamado a ser. “Graça” significa que me é dado aquilo para que não tenho o poder e a que não tenho direito, mas que apenas me torna naquilo que eu quero ser. Através da vocação o homem é chamado a si mesmo, ao seu próprio ser.

Mas, ao mesmo tempo, há qualquer coisa que protesta dentro de nós, porque pensamos que Deus nos possa pôr diante de um programa a cumprir, estabelecido fora de nós, sem sequer nos dar os meios seguros para o conhecer.

O homem é constantemente surpreendido pela vida (no sentido literal de “super+prehendere”, apanhar por cima), o que “acontece” para além de todos os cálculos e previsões e a que é chamado a responder em plena liberdade. **O caminho ético do homem** não parte do que quereria ser, mas está fundado no que se é para se tornar no que deve ser. É inútil e insensato sonhar com um ponto de partida diferente. O homem é chamado a tornar-se livremente naquilo que é, ou seja, aquilo que a vida lhe revela a cada passo com as suas promessas. Dito de outra forma, poder-se-ia dizer que, ao criarmos à sua imagem e semelhança, Deus chama cada um de nós a dar a esta imagem a sua semelhança particular. Esta é a expectativa e a esperança de Deus, é a grandeza e o risco da nossa vida, esta de sermos chamados a despertar a alegria de Deus através da qualidade e da generosidade da nossa resposta.

Um exemplo deste caminho interior é dado na Bíblia pela história de Tobias e Sara. Fundamentam o seu matrimónio no projeto de Deus descrito no Livro do Génesis, reconhecem que a sua história de amor é conforme com o projeto que Deus tem para eles; a sua vida de casal está fundada na palavra de Deus e é à luz desta Palavra que são capazes de descobrir a própria identidade profunda e a própria vocação. Para encontrar Sara, Tobias põe-se a caminho, procura, aposta, para finalmente, ajudado por um anjo, compreender que há um caminho traçado para ele que lhe incumbe percorrer.

O encontro do homem com a mulher e da mulher com o homem é determinante nesta visão vocacional da vida. Esta vocação não é dada a todos, mas à maior parte dos seres humanos. É o caminho que, partindo do primeiro encontro (o enamoramento), desemboca na escolha livre de construir juntos uma história, um projeto, um tornarem-se cada vez mais **“uma só carne”** (Gn 2,24). Já não é a pessoa sozinha, mas são duas pessoas que se decidiram por um caminho de vida comum e do entrelaçar das suas existências resulta a completude definitiva das respetivas identidades de marido e de esposa (e depois de pai e de mãe ao abrirem o seu amor à fecundidade). Este tornarem-se “uma só carne” não subsiste de per si, pelo contrário, deve ser continuamente desejado, renovado, construído, defendido (R. Guardini, *Ética*).

Por vezes, na realidade atual, o passar do tempo e a sucessão dos acontecimentos colocam em crise a realidade vocacional e a sua escolha.

O âmago da vocação para o matrimónio – tal como em todas as vocações – é o amor. Não é apenas emoção, sentimento, afetividade. Claro que também o é. Mas, essencialmente, o amor conjugal é também decisão, escolha, vontade, projeto. É a resposta a um convite bom e promissor que Deus colocou na nossa história.

Assim, pode acontecer que, depois de um período inicial de duração variável, o “eros” inicial se atenua, ou melhor, se modifique e transforme: é este o momento decisivo para entender se nascerá um matrimónio real ou se a promessa do encontro se extinguirá como um fogo de palha. O matrimónio é a própria construção do ser “uma só carne” através de um estar juntos duradouro, que desafia e vence o tempo. Não apenas no sentimento, mas, conseqüentemente, no fluir dos acontecimentos, do agir, do destino. É desta forma que cada um dos cônjuges completa a sua identidade, Não apenas sob o signo da fantasia, do sonho, do entusiasmo, mas também na dimensão normal da realidade. O matrimónio impregna gradualmente a realidade do outro, as suas qualidades positivas ou negativas, a família e o lar construídos conjuntamente.

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada da vocação para o matrimónio?

	Para saber mais
Concílio Vaticano II	<i>Gaudium et Spes</i>
R.Guardini	<i>Accettare se stessi, Morcelliana, Brescia 1992</i> <i>Etica, Morcelliana, Brescia 2001</i>
P.Ricoeur	<i>La persona, Morcelliana, Brescia 2013</i>
C. Theobald	Vocazione, EDB, Bologna 2011
C.Yannaras	La libertà dell'etos, Qiqajon, Magnano (BI) 2015

V – Pistas para o Dever de se Sentar



Procuremos lembrar-nos das sensações que vivemos quando procurámos discernir sobre o nosso chamamento para o matrimónio.

- Nas nossas relações de casal, quais são os efeitos do matrimónio do ponto de vista “da identidade” e “da alteridade”?
- Procurámos questionar-nos sobre quais os valores que o nosso casal “redescobriu” hoje no matrimónio?
- Que mudanças aceitámos para permanecer fiéis ao nosso matrimónio?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

A palavra vocação pressupõe um chamamento que vem do Alto, é uma palavra dirigida ao homem para que se empenhe no caminho que Deus traçou para ele. ☒ Somos capazes de escutar o apelo divino e de fazer calar a nossa própria vontade?

Partilha – Algumas pistas

- Qual o novo nome (qualidade/essência) que encontraram/ procuraram na *pedra branca* que vos foi dada? (Ap. 2,17)

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Por que é que não sabemos ligar a nossa fé cristã a um apelo e, ainda menos, compreender esta fé como um modo de viver a nossa “vocação humana”?

VII – Oração final

O meu “sim”

*Fui criado para fazer e para ser alguém
Pelo que mais ninguém foi criado como eu.
Ocupo o meu lugar No conselho de Deus, no mundo de Deus:
Um lugar que mais ninguém ocupou.
Pouco importa se sou rico ou pobre
Desprezado ou estimado pelos homens.
Deus conhece-me e chama-me pelo meu nome.
Ele confiou-me um trabalho.
Tenho a minha missão.
De alguma maneira sou necessário às Suas intenções
Tão necessário no meu lugar
Como um arcanjo no seu.
Ele não me criou inutilmente.
Farei o bem, farei o seu trabalho.
Serei um anjo da paz
Um pregador da verdade
No lugar que ele me assegurou
E que não confiou a nenhum outro.
Mesmo sem que eu o saiba
Desde que siga os seus mandamentos
E o sirva na minha vocação*

John Henry Newman

Reunião nº 4

"FAREI DE TI A MINHA ESPOSA PARA SEMPRE" – EDUCAR PARA A FIDELIDADE

I - A Palavra de Deus

Oseias 2, 16-17; 21-22

Oráculo do Senhor:

*"É assim que a vou seduzir:
ao deserto a conduzirei,
para lhe falar ao coração.*

*...Aí, ela responderá como no tempo da sua juventude,
como nos dias em que subiu da terra do Egito.*

*Então, te desposarei para sempre;
desposar-te-ei*

conforme a justiça e o direito, com amor e misericórdia.

*Desposar-te-ei com fidelidade,
e tu conhecerás o Senhor."*

A fidelidade é uma questão fundamental. É isto que este texto sagrado parece querer dizer. Dá-nos a conhecer a verdadeira realidade de Deus.

O livro do Antigo Testamento do Profeta Oseias aborda um tema que coloca a infidelidade em antítese ao amor-relação. A dimensão de uma promessa não cumprida faz parte do desafio que está implícito na relação amorosa; poderemos dizer que faz parte da própria experiência do amor. O amor é tão desejado e, conseqüentemente, de tal forma cheio de expectativas, que naturalmente provoca desilusões, quedas e fraturas. Além disso, o amor deve ser constantemente defendido porque poucas coisas são tão assediadas como o próprio amor.

Num momento difícil da sua vida familiar, em que o seu amor tem de se confrontar com a traição da pessoa amada, Oseias compreende o significado profundo do amor de Deus para com o seu povo e toma-o para tema da sua pregação profética. Nos confrontos com Israel, JHWH¹ é como um esposo traído que continua a amar a sua esposa e faz tudo quanto está ao seu alcance para que ela deixe os seus amantes e regresse para junto dele. Ainda que seja um esposo traído, Oseias é chamado a seguir pelo mesmo caminho de fidelidade.

À luz desta intuição, visto na ótica da fidelidade a Deus, a relação conjugal assume novas matizes de amor e ternura. O amor humano, quando se torna símbolo da aliança de Deus com o seu povo, é enobrecido e aprofundado: torna-se a ligação indissolúvel que une duas pessoas, levando-as a comunicar e a partilhar todos os aspetos das suas vidas.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

¹ Nota de tradução: Transliteração para caracteres latinos da palavra hebraica que em português corresponde a IAVÉ.

II – Apresentação do capítulo

A natureza continua a surpreender-nos com o que a ciência vai revelando através dos seus estudos: há animais que permanecem fiéis para sempre! O mundo animal sugere-nos como o que nos pode vincular ou limitar se torna salvífico e estimulante.

A fidelidade é manter um compromisso. É a partilha total dos factos da vida. É continuar satisfeito com o que já se conhece para renovar os laços. Surpreender-se sempre com cada novidade para reavivar a paixão. É permanecer firme mesmo quando o equilíbrio é instável. Resumindo, a fidelidade é um daqueles valores que tem um pouco o aroma da fotografia antiga que olhamos quando nos queremos recordar de alguém importante. Tem o gosto dos alimentos da tradição rural, daqueles que ainda são cultivados com fadiga e suor. Daqueles que venceram o medo das chuvas torrenciais depois da sementeira ou da seca que queima os rebentos. Pode parecer que a fidelidade veste as roupas velhas da tradição. Poderá parecer fora de moda, antiquada como um espartilho estreito e pouco transparente numa época de decotes vertiginosos.

A fidelidade é o valor que recorda aos homens não a sua natureza, mas sim o seu chamamento, a sua vocação. Sim, porque a natureza humana frequentemente renega a genética da fidelidade. E não nos queremos referir apenas ao aspeto sexual. Pelo contrário, queremos que, neste capítulo, cada um se esforce por chegar à fidelidade sexual como uma consequência lógica de uma fidelidade mais profunda, mais enraizada, poderíamos dizer mais completa.

Neste percurso de virtude são tantos os obstáculos, as dificuldades; são numerosas as formas de infidelidade, tais como a renúncia ao projeto inicial, ao pacto de reciprocidade, ao cuidado e compreensão mútuos, à confiança e ao respeito, ao ser-se e sentir-se únicos e unidos: o egoísmo e a prepotência são vermes que devoram o casal, fazendo que cada um cresça como um ser solitário e autorreferenciado; a indiferença e o desinteresse pelo outro e pelo destino do casal são um espelho em que apenas nos vemos a nós mesmos; a repugnância à comunicação livre e aberta é a fortaleza dentro da qual nos encerramos rodeados pelas nossas verdades absolutas; a colaboração falhada e a fuga às responsabilidades comuns são a ilusão de uma liberdade eterna e incondicional.

III – A realidade recontada



Traí Mimo, fui-lhe infiel! Sei o que estou a dizer e gostaria que me escutassem sem severidade. Traí-o todas as vezes em que não o acolhi como pessoa, como marido, como amante, como pai. Traí-o quando pensei ser apenas uma mãe, esquecendo-me que, antes de mais, era amiga, esposa. Traí-o quando deixei que o meu trabalho se sobrepusesse à nossa relação, quando penosamente preparei uma refeição monótona e triste, quando os meus cabelos pareciam e estavam mais cansados do que eu. Traí-o quando a minha preguiça inata transformou a sala de estar num imenso ambiente “lava-seca-engoma”, com cestos de roupa sempre a mudar de sítio. Traí-o quando o deixei ficar sozinho à janela a ver o pôr do sol para procurar o último grão de pó escondido. Traí-o quando o deixei embaraçado com a minha maneira de ser exuberante, sacrificando a sua vontade de ter uma presença discreta. Traí-o quando deixei que os meus pecados de gula se tornassem tão evidentes... “A verdade do outro não é o que ele te revela, mas o que não sabe revelar-te. Portanto, se o queres compreender, não oiças apenas o que ele te diz, mas escuta também o que não te diz”. (Luigi Verdi) É-se fiel quando se avança devagar, apesar dos olhos que não veem, dos sentidos que não sentem, das emoções que não palpitam. Mas estás, estás ali, presente para segurar com força qualquer coisa em que se continua a acreditar: a fidelidade parece estática, mas caminha, apenas parece porque caminha lentamente na escuridão e aparentemente sem

pontos de referência. Permanecer fiel não é engessar a vida, é simplesmente, conscientemente esperar que se juntem a nós. Foram os momentos de vazio, de sofrimento, de incompreensão do nosso amor que permitiram que a nossa relação não parasse, mas, antes pelo contrário, se desenvolvesse em novas formas de encontro que nos permitiram olhar para mais além.

(Francesca e Mimmo, equipistas).

Para saber mais

Pintura: José e a mulher de Putifar – Quadro de Battistello Caracciolo

Filme: Hachiko, amigo para sempre – de Lasse Hallström, 2009

A Fidelidade – de Andrzej Zulawski

Teatro: A Fidelidade – de Giorgio Gaber

IV – Reflexão



Em termos gerais, a etimologia da palavra “fidelidade” tem origem no latim *fides* (fé) passando por *fideles* (fiel) para chegar a fidelitas (*fidelidade*). Refere-se a uma atitude de coerência e de constância na adesão a um valor ideal de amor, de bondade, de justiça, mas pode também ser entendida como o empenho com que uma pessoa se vincula para que a ligação com o outro seja estável e duradoura no tempo. É por isso que o valor da fidelidade desde sempre encontrou a sua mais perfeita expressão humana na fidelidade entre os cônjuges, através da **exclusividade e unicidade da**

relação de amor consagrada no matrimónio.

Na teologia cristã, a fidelidade de Deus Pai à promessa de salvação dos seus filhos é a expressão máxima do Seu amor por nós. Um amor forte, sólido, definitivo que se oferece a nós como dom e que apenas pede para ser acolhido. Hoje em dia, pelo contrário, a ideia do dom tem dificuldade em afirmar-se, deixando o lugar a um conceito de fidelidade onde parece que aquele que amamos deve merecer esse amor. Por isso, quando o outro se comporta de modo a já não o merecer, sentimo-nos autorizados a dissolver o vínculo da fidelidade.

Educar para a fidelidade significa então começar por estimular e promover uma relação contínua entre o homem e Deus, porque só Ele é o educador que pode ensinar a arte da fidelidade. Para nós homens, educar para a fidelidade significa pedir o dom da fé ainda antes do da fidelidade. Nestes termos, o sacramento do matrimónio constitui em si mesmo uma força que sustenta os esposos e as respetivas vontades de permanecerem juntos na fidelidade, respeitando o amor que se prometeram mutuamente.

O amor não é apenas um sentimento, mas a adesão a uma vocação comum, em que cada um encontra no cônjuge (junto com) quem o ajude para poderem levar juntos o mesmo jugo, mantendo a mesma passada, durante toda a sua existência. Neste sentido, o amor não é a procura do prazer, sem nunca ter de tomar uma decisão, mas sim a capacidade de se decidir por um dom definitivo e exclusivo. Apenas quem pode prometer para sempre demonstra ser o dono do seu próprio futuro, o tem nas suas mãos e o dá à pessoa amada. Compreende-se assim porque é que o conteúdo da fidelidade é a confiança: a confiança no futuro e no outro, a quem se faz o dom de si mesmo.

Depois desta introdução ao fascinante caminho para uma educação para a fidelidade, procuremos percorrer alguns itinerários diferentes, conscientes de que cada um deles, entretido com os outros, conduz a uma melhor compreensão do verdadeiro rosto da fidelidade.

A fidelidade a si mesmo

O primeiro objetivo, o objetivo imediato que os homens se colocam desde a idade da consciência é o de percorrer o caminho da vida na plena vontade de se realizarem a si mesmos. Para simplificar, diríamos “querer tornar-se alguma coisa ou alguém”. É o velho problema com que gerações inteiras se continuam a confrontar. Educar para a fidelidade nos confrontos consigo mesmo não tem um valor egoísta, mas um valor social, na medida em que a pessoa, descobrindo-se a si mesma, enriquece toda a coletividade. Um conhecido cançonetista italiano dizia “Creio nos seres humanos que têm a coragem de ser humanos”. É uma esplêndida síntese que conta a fidelidade ao projeto da criação de um homem que já não é autor de si mesmo, mas que partilha o projeto de Deus.

Fidelidade ao outro

Educar para a fidelidade ao outro é uma lição de respeito. É como se disséssemos que ser-se fiel é uma questão de exercício e que precisa de treino para obter resultados. A fidelidade ao outro é o pleno dom de uma existência. Incondicional. Sem juro, até mesmo com perdas. Cada um de nós deveria educar-se para a fidelidade seguindo em três direções:

- Fidelidade pela diversidade do outro. Perante a diversidade do outro, defendemo-nos quando nos afastamos ou quando nos aproximamos com a intenção de o tornar idêntico a nós (que relação é possível entre duas pessoas idênticas?). Então, *fidelidade ao outro* é antes de mais *respeito pela sua alteridade e diferença*. É fiel aquele cônjuge que reconhece e estima os valores, os dons, as capacidades do outro e, vencendo qualquer forma de competição, o empurra e o ajuda a viver e a libertar o que há de melhor em si.
- Fidelidade ao devir do outro. Não se quer bem à pessoa amada pelo que ela é agora, mas pela maravilha que pode atingir e vir a ser ao longo da sua existência. “*Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira *...+. Prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada*” (Papa Francisco, Lumen Fidei n. 52). O passado e o presente são uma parte da pessoa, tudo somado a parte menor. A parte mais importante é o futuro. Cada pessoa tem possibilidades inesgotáveis a descobrir e a libertar, tem um impulso criativo.
- A fidelidade ao outro é fazer acender esta criatividade. ☞ Fidelidade ao distanciamento do outro. Por mais que nos aproximemos do outro, ele permanece sempre outro. Escreve Levinas: “*Somos chamados a amar o outro sem o compreender, antes de o compreender, sem nenhuma necessidade de o compreender*”, onde a palavra “compreender” significa aqui prender dentro e, portanto, a atitude de quem quer reduzir o outro à sua compreensão: pelo contrário, o outro é incompreensível e não pode ser capturado.

O casal fiel, com a sua fidelidade dá testemunho da fidelidade do Deus Pai que perdoa e acolhe todos os seus filhos enquanto espera que se unam a Ele.

O marido e a mulher podem viver episódios de infidelidade quotidiana, como os citados no início. Cada um dos dois reivindica, mais ou menos conscientemente, um espaço exclusivo, individual. São numerosas as formas de infidelidade e de traição e não estão necessariamente ligadas à vida sexual. O casal pode entrar em crise, renegar-se a si mesmo, decidir-se pela separação. Nesses casos a única via para mudar de rumo é dada pela capacidade de perdoar. O perdão é o amor que se recorda de ser mais forte que o mal.

“Só o verdadeiro perdão, fruto de um amor puríssimo, pode fazer brotar uma nascente de vida no coração do infiel e regenerar quem fracassou no amor fazendo-o renascer para ele. Também para Deus, e antes de mais para Deus, perdoar é amar. Amar a tal ponto que faça surgir na escuridão e na impureza da alma um amor inteiramente novo que a purifica, transforma e encaminha para uma perfeição inteiramente nova”

(H. Caffarel – Nas encruzilhadas do Amor – “O Amor mais forte que o mal”)

Fidelidade ao Outro

Deus criou o homem e a mulher e confiou-lhes o seu reino: toda a criação. Desta forma o casal é depositário da fidelidade do Pai que estipula um pacto de confiança e o liga ao processo de gerar toda a humanidade. É daí que tudo parte. Porque esta é a fidelidade “de sempre e para sempre”. A fidelidade ao Outro encontra a sua fonte de inspiração natural na fidelidade que, desde sempre, o Outro nos manifesta. O homem trai esta confiança. Deus manifesta toda a sua desilusão: uma fidelidade traída é sempre fonte de desapontamento e de dor.

E, no entanto, o amor prevalece. É um Pai que escolhe amar, decidindo não interromper a sua ligação com o homem.

A relação de fidelidade ao Outro começa no Éden e é para lá que nos quer reconduzir. Não é, portanto, o homem que a gera para se juntar a Deus, sendo antes um movimento de resposta à sua ação.

“A fé não é primariamente obra humana, mas dom gratuito de Deus, que se arraiga na sua fidelidade, no seu «sim», que nos leva a compreender como viver a nossa existência, amando-o a Ele e aos irmãos”. Neste caso podemos afirmar que se trata de uma fidelidade “teocêntrica”. “Toda a história da salvação é um revelar-se progressivo desta fidelidade de Deus, não obstante as nossas infidelidades e as nossas negações, na certeza de que «os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis», como declara o Apóstolo na Carta aos Romanos(11, 29)”. (Bento XVI, 30 de maio de 2012). A fidelidade de Deus reflete-se na fidelidade do casal.

Mas se a fidelidade é uma virtude essencial para qualquer relação interpessoal, a perseverança é a virtude específica do tempo. Mas não é tudo; os valores que todos proclamamos como sendo grandes e absolutos existem e tomam forma apenas graças a essas virtudes: o que é a justiça sem a fidelidade dos homens justos? O que é a liberdade sem a perseverança dos homens livres? Não há valores nem virtudes sem perseverança e fidelidade! De igual modo, sem fidelidade não há história comum, feita em conjunto. Hoje, neste tempo fragmentado e sem vínculos, esta realidade configura-se como um desafio para o homem e, em particular, para o cristão. Este, de facto, sabe que o seu Deus é o Deus fiel que manifestou a sua fidelidade na encarnação do seu Filho Jesus Cristo.

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada da educação para a fidelidade?

Para saber mais

Papa Bento XVI	Carta Encíclica “Deus caritas est”
Papa Francisco	Lumen Fidei
Enzo Bianchi	Lessico della vita interiore (Léxico da vida interior)
Gabriella Gambino	Lo straordinario potere della fedeltà coniugale (O extraordinário poder da fidelidade conjugal)
Susanna Tamaro	Per sempre, Ed. Giunti (Para sempre)
Jean-Christophe Rufin	Le Collier rouge, Ed. Gallimard

V – Pistas para o Dever de se Sentar

Procuremos contar e recordar experiências concretas que tenhamos vivido para nos mantermos fiéis ao nosso “ser casal”. Quais foram os momentos em que nos sentimos perdidos e em que tivemos a percepção de “estarmos totalmente errados”?

Mantivemo-nos fiéis ao compromisso de sermos um motor para o crescimento do outro?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- Neste momento da nossa história de amor, em que medida somos fiéis em relação ao nosso projeto inicial de casal?
- Vivendo plenamente a fidelidade de casal, como conseguimos “libertar plenamente” o “nós” que há em nós mesmos?

Partilha – Algumas pistas

- Se olho para a minha história, posso dizer que o Senhor foi fiel para comigo? Recordo-me de momentos em que tenha sentido com mais força a sua fidelidade, sinais onde a tenha reconhecido? Ou, ao contrário, momentos em que a tenha sentido longínqua?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Quem não é fiel nas pequenas coisas, também não é fiel nas grandes. Quem “trata mal” as coisas do dia-a-dia, “trata mal” o amor. Quais são as alegrias e as fadigas quotidianas que, como casal, vivemos no dom recíproco?



VII – Oração final

Escolher-se todos os dias

Senhor, ensina-me que a fidelidade é saber escolher-se de novo todos os dias. Descobrir dentro de nós estradas inexploradas.

É vivermos juntos, não com o amor de ontem, mas sim com o de hoje.

Senhor, ensina-me que a fidelidade não pode ser fechada, sufocada por esquemas, por estruturas.

A fidelidade deve ser inventada em cada momento. Descobrimo que o amor, se é verdadeiro, tem sempre novas exigências interiores.

Quando não as há, o amor morreu.

Ensina-me que a fidelidade é uma conquista difícil. É o traçar juntos um sulco profundo. Que não pode ser apagado. Um sulco contra o qual nada possam nem ventos nem marés.

Um sulco cavado na realidade da existência, que segue sempre na mesma direção: a do amor.

Reunião nº 5

"...MAIS QUE VENCEDORES" – A FRAGILIDADE DO CASAL E DA FAMÍLIA

I - A Palavra de Deus Epístola de S. Paulo aos Romanos 8, 35-39

Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? De acordo com o que está escrito: Por causa de ti, estamos expostos à morte o dia inteiro, fomos tratados como ovelhas destinadas ao matadouro. Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou. Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso.

São Paulo enumera uma série de dificuldades que são as pequenas e as grandes dificuldades da vida. Para além destas, que são próprias das relações entre as pessoas, há umas tantas outras realidades (a morte e a vida...) que não dependem da nossa vontade, mas que influenciam as nossas relações de amor com Deus e entre nós.

Estas duas listas de perigos vividos pelo amor podem ser aplicadas à experiência conjugal. O amor nupcial, fecundado pelo amor divino, enfrenta a escuridão da prova, vence o assédio das nossas fragilidades e das coisas exteriores, supera as crises. Os esposos crentes entram no caminho da sua vida a dois, conscientes que no mesmo haverá também pedras, zonas desérticas, noites geladas. Mas têm também a certeza “porque forte como a morte é o amor” (Cântico dos Cânticos 8,6).

Na parte final da sua reflexão, S. Paulo lança aos seus leitores uma última mensagem de esperança, suportada na imensidade do amor que Deus revelou no seu plano de salvação. Como consequência da escolha especial que fez a seu favor, Deus está desde então ao lado dos crentes. As novas relações com Deus, instauradas através da infusão do Espírito no coração dos crentes, comportam uma transformação radical de todo o nosso ser. Toda a vida do crente flui assim sob o signo da confiança em Deus, na convicção de que jamais alguém o poderá separar do amor que Deus lhe manifestou em Cristo. O facto de se ser cristão não atenua a dor do sofrimento, mas dá a força para manter intacta a sua própria segurança e dignidade.

Se então ninguém nos separará do amor de Cristo, estamos certos de que, mantendo-nos neste amor, poderemos enfrentar as nossas fragilidades, aceitar as do nosso cônjuge e as dos nossos companheiros de viagem. Conseguiremos também não condenar os erros dos outros, poderemos mesmo ser fiéis acompanhantes das suas tribulações.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

Neste tempo em que vivemos, assistimos a um número crescente de situações de fragilidade como se o homem vivesse sem quaisquer certezas. O apelo do Papa Francisco para entrarmos na lógica da misericórdia sugere-nos uma nova construção do homem que nos volta a dar a certeza do amor, ou melhor ainda do “Amor” que nos fará superar todas as dificuldades.

Voltemos a nossa atenção para os desafios contemporâneos que influenciam múltiplos aspetos da vida. O desenvolvimento de um individualismo exasperado perverte os laços familiares e faz prevalecer a ideia de um sujeito que apenas segue os seus próprios desejos, retirando a força a qualquer relação.

*“No mundo contemporâneo não faltam tendências culturais que parecem impor uma afetividade ilimitada, da qual se deseja explorar todas as vertentes, até as mais complexas. Com efeito, a questão da fragilidade afetiva é de grande atualidade: uma afetividade narcisista, instável e mutável nem sempre ajuda os protagonistas a alcançar uma maior maturidade. *...+. Neste contexto, os casais sentem-se às vezes incertos, hesitantes e têm dificuldade de encontrar modos para crescer. São muitos aqueles que tendem a permanecer nas fases primárias da vida emocional e sexual. A crise do casal desestabiliza a família e, através das separações e dos divórcios, pode chegar a provocar sérias consequências sobre os adultos, os filhos e a sociedade, debilitando o indivíduo e os vínculos sociais.”* (Sínodo, Lineamenta 10).

A isto junta-se a crise da fé que tocou tantos católicos e é, muitas vezes, a origem das dificuldades do matrimónio e da família.

O matrimónio enquanto “vocação” torna-se cada vez mais um “pacto” e um “contrato” que é, portanto, cancelável. A escolha do matrimónio como vocação ou já não é seguida (veja-se o número crescente de uniões de facto) ou é adotada por hábito e por tradição, sem as devidas motivações.

É sobretudo neste terreno que a Igreja tem de trabalhar. O Sínodo, para além das questões específicas e das eventuais modificações disciplinares, exortanos a aprofundar a vontade de escolher o sacramento do matrimónio que requer uma adesão plena do coração. Coração esse que saberá ajudar-nos na reconciliação e na procura de uma vida nova depois dos erros.

Procuremos ver na nossa fragilidade pessoal, de casal e de Igreja uma ocasião para mudar de vida (conversão) porque é sobre ela que Deus constrói a santidade.

III – A realidade recontada



“Chamo-me Ana, estou separada há cinco anos. Tenho uma filha nascida no matrimónio. Atualmente estou profundamente ligada a um outro homem, na alegria e na dor, na saúde e na doença, ainda que não estejamos unidos pelo matrimónio. O caminho que me levou à decisão de me separar foi uma escalada dolorosa, longa, muito longa: 10 anos de tentativas, de esperanças, de esforços, de sorrisos e de lágrimas. Não foi uma decisão tomada “com ligeireza”, não foi fácil. Arrastávamos connosco para o abismo a nossa filha, a nossa família, o nosso mundo, os valores, as certezas que já não existiam. Depois de 18 anos de casados, a ferida do adeus era deveras profunda, dilacerante. Também o apresentar-me à Comunidade onde tinha crescido não foi fácil. Encontrava-me e sentia-me “fora” das regras da Igreja, sentia-me a “adúltera” de que fala o Evangelho. A catequista dos adolescentes, a animadora da paróquia, as celebrações vividas com o coro, a preparação das crianças para os sacramentos, todas as palavras bonitas.... Seriam apenas palavras? Como poderia apresentar-me à Comunidade na minha situação de separada? Senti o abraço da Madre Igreja na intimidade da Confissão. Fui acolhida e escutada por Sacerdotes capazes de tornar tangível a Misericórdia do Pai. O perdão não me foi negado e tive o grande dom de poder receber a Eucaristia nas celebrações da Primeira Comunhão e do Crisma da minha filha, no Natal e na Páscoa. O coração cheio de alegria, a redescoberta da grandeza de ser embalada no coração do Amor de Deus! Aprendi assim que: A

CARIDADE é um olhar sorridente e acolhedor que se dá e que se recebe, para além das situações que a vida nos faz viver

A CARIDADE é sentar-se ao lado de alguém e fazê-lo saber que “estou aqui”

A CARIDADE é aproximar-se do outro num silêncio que acolhe e não julga, que sabe escutar

A CARIDADE é distanciar-se dos preconceitos e abrir o coração, mesmo que seja um coração ferido

A CARIDADE é perdoar. Perdoar antes de mais a si mesmo

(Anna)

“Andrea e eu casámo-nos na igreja há 11 anos, seguindo um percurso de fé e sendo profundamente crentes... Ao fim de 7 anos a crise foi despoletada! Quantas perguntas colocámos a nós mesmos nesses momentos e, entre outras, questionámo-nos: Porquê a nós? Onde nos enganámos? Depois pensávamos: mas esta não é a mulher com quem me casei, este não é o homem com quem me casei. Representávamos um para o outro apenas expectativas falhadas e a nossa relação era o resultado de uma grande desilusão que levava a germinar um sentimento negativo de raiva que vinha ao de cima e que nos afastava ao ponto de já não conseguirmos comunicar. Tudo isso nos levou a uma separação radical e dolorosa na qual ambos vivemos na escuridão e tocámos o fundo da infelicidade. Foi nesse momento que começámos o nosso percurso de recuperação, se bem que separadamente porque já tínhamos feito tentativas de terapia de casal que não resultaram. Durante esse percurso, em paralelo com um trabalho de psicoterapia, intensificámos a nossa fé e, com isso, reforçámos a nossa relação com Deus. Ainda que fossem muitos os nossos pedidos de ajuda aos nossos conselheiros espirituais, muitas foram sempre as respostas que nos ajudaram a encontrar o caminho certo. Estes dois percursos paralelos permitiram que conseguíssemos entrever um pouco de luz... e no percurso de fé sentimo-nos amados e aceites pelo Senhor apesar dos nossos limites, das nossas debilidades e dos nossos erros humanos. Amados e perdoados, ao sentirmo-nos perdoados foi-nos possível viver o perdão recíproco, a nossa consciência amadureceu, permitindo que nos reencontrássemos ao fim de dois anos de crise com um coração renovado e que o amor entre nós tivesse ressurgido. Recomeçámos este caminho de esposos com uma consciência diferente da do passado.

(Federica e Andrea – Retrouvaille)

Para saber mais

Filme

*A Separação de Asghar Farhadi 2011
À prova de fogo» de Alex Kendrick 2008
Casomai de Alessandro D’Alatri 2002*

Livro

Peccatori amati – Il cammino umano tra famiglia e valori – Anna Bissi.

IV – Reflexão



“A família, comunidade humana fundamental, na atual crise cultural e social, sofre dolorosamente por causa da sua debilitação e fragilidade. De igual modo, demonstra que pode encontrar em si mesma a coragem para fazer face à insuficiência e à carência das instituições em relação à formação da pessoa, à qualidade do vínculo social e ao cuidado dos indivíduos mais vulneráveis. Portanto, é particularmente

necessário apreciar de maneira adequada a força da família, para poder ir ao encontro das suas fragilidades. Esta força reside essencialmente na sua capacidade de amar e de ensinar a amar. Por mais ferida que uma família possa estar, ela pode sempre crescer a partir do amor.” (Sínodo, Relatório final, 10).

É a partir destas palavras de esperança que não devemos acreditar naquilo que frequentemente ouvimos dizer, “antes era melhor” ou “já não há nada a fazer”.

Há fragilidades dentro do casal e da família nas relações com as outras famílias e com a sociedade.

No mundo atual encontramos uma enorme difusão da comercialização do corpo, uma mentalidade antinatalista, práticas que levam a que a vida humana e a parentalidade se tenham de facto tornado realidades que se podem compor e decompor, submetidas sobretudo aos desejos das pessoas e dos casais. Tudo isto tem profundas repercussões na dinâmica das relações, na estrutura da vida social e nos ordenamentos jurídicos... Neste contexto, os casais sentem-se por vezes incertos, hesitantes e têm dificuldade de encontrar maneiras para crescer. (Sínodo, Relatório final, 32-33).

A fragilidade humana nas suas várias formas é normalmente sofrida com resignação enquanto espaço em que se exprime o limite do homem; o esforço será então apenas o de sair, superando o melhor possível as diversas situações. Pelo contrário, o Papa Francisco com a sua chamada urgente à misericórdia orienta para uma interpretação da fragilidade como lugar onde se manifesta e age a força redentora de Deus, ou seja, como espaço de salvação que põe a tónica na ação de Deus, que é realizada precisamente aí onde o homem é vencido e experimenta a própria pobreza.

As nossas fragilidades são ou podem tornar-se importantes motores para o nosso crescimento no amor, se reconhecidas e acolhidas com humildade, partilhadas em casal e tornadas tema de oração.

Diante das fragilidades dentro do casal, somos favoritos na medida em que aderimos a um método que nos ajuda a ultrapassá-las e a santificarmo-nos através delas. Esse método consiste apenas em viver do mesmo amor de Cristo. É certo que nem tudo será fácil, levará muito tempo, mas a alegria está no caminhar juntos, ainda que arduamente. O reconhecermos-nos frágeis é o primeiro passo para poder pedir e aceitar a ajuda do outro; muda a perspetiva com que também nós olhamos para o outro e reconhecemos que sozinhos não chegamos lá e que precisamos sobretudo do amor de Deus.

“O Padre Caffarel parece por vezes estar a um nível de ideal, mas não esquece a fragilidade humana. Ao encontrar-se com casais feridos por diversas falhas, afirma que a esperança pode ser o fruto da reconciliação quando a comunidade conjugal se torna penitente dentro da grande comunidade penitente que é a Igreja, implorando a fidelidade do Senhor para com a sua criatura, a fidelidade do Senhor que ama e salva. O perdão de Deus encoraja ao perdão e à reconciliação dos esposos, para uma renovação do seu amor a caminho de uma comunidade mais perfeita” (Msr. Fleischmann – Sassone, 8.11.2004).

Na experiência moderna, o carácter individual dos sentimentos e a inquestionável privacidade da sua interpretação, tal como a conceção do matrimónio como um mero contrato, estão na origem da fragilidade dos casais. Quando falha uma cláusula do contrato, deixa de fazer sentido estarem juntos, as relações tornam-se conflituosas, cada um procura fazer valer as suas próprias razões e até os filhos se podem tornar motivo da discussão.

Pelo contrário, é a prática do perdão que nos mantém sempre atentos e disponíveis para as razões do outro. Torna-nos capazes de acolher o outro e de olhar para a pessoa e não para o vulto.

A instância fundamental da família cristã é o testemunho que coloca a vida em família como um desafio atual, atraente, capaz de dar sentido a uma vida humana. O matrimónio é o lugar onde a humanidade se abre a uma vida rica de sentido, experiência de vida que põe em movimento a afetividade, a responsabilidade, a consciência.

É então necessário recordar que a experiência da fragilidade se torna um desafio para a comunidade cristã na sua capacidade de acolher e de dar suporte. Perante as numerosas situações de separações e de divórcios temos de nos aproximar das pessoas sem as julgar mas com amor, porque é na proximidade que se sofre com os que sofrem e se rejubila com os que estão alegres.

“... É muito interessante o slogan que usais: «Não um movimento de ação, mas um movimento de pessoas ativas». É necessário definir bem o que significa «ativos»; quer dizer que as pessoas que cultivam uma espiritualidade e que dela dão testemunho são capazes de antecipar as situações difíceis ou de cuidar delas.

A Igreja tem hoje, em relação ao casal, ao matrimónio e à família, a enorme tarefa de intervir para curar, como um médico, onde não foi possível prevenir o mal. Todavia não estamos ainda bem equipados para essa tarefa e, de facto, o nosso esforço é o de prevenir (cursos pré-matrimoniais nas paróquias, grupos familiares, etc.); mas quando acontece o pior ficamos bloqueados. Neste sentido, creio que a definição de «movimento de pessoas ativas» deve ser aprofundada, embora não saiba dizer como. Se me permitem, volto à minha primeira inquietação: como ajudar os casais em dificuldade, em vias de entrar ou que já entraram em crise? Penso que a função de médico vos compete de forma particular, na medida em que tendes o dom de uma experiência de santidade nas relações de casal e podeis, portanto, intervir de tantas formas para cuidar de relações doentes. Não pretendo com isto prédefinir o vosso tipo de ações; convido-vos sobretudo a que se questionem sobre o modo como a vossa identidade é chamada a reagir em relação à crise maciça do mundo contemporâneo. Creio que será necessário que sejam inovadores e criativos para poder dar à Igreja, sem perder a vossa identidade, uma linguagem capaz de enfrentar a crise, com a benevolência atenta do médico e da misericórdia de Deus” (Card. Carlo Maria Martini – Discurso às Equipas de Nossa Senhora, 1998).

*«Em segundo lugar convido os casais, fortalecidos pelo encontro em equipa, ao compromisso missionário. *...+ Sem dúvida, já sois missionários mediante a irradiação da vossa vida de família em relação aos vossos âmbitos de amizade e de relações, e também além. Com efeito, uma família feliz, equilibrada, habitada pela presença de Deus fala por si mesma do amor de Deus por todos os homens. Mas convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada, nas atividades que podem ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé particularmente os jovens casais, antes e depois do matrimónio. Exorto-vos também a continuar a estar próximos das famílias feridas, que hoje são tão numerosas, devido à falta de trabalho, à pobreza, a um problema de saúde, a um luto, à preocupação causada por uma criança, ao desequilíbrio provocado por uma distância ou uma ausência, a um clima de violência. Devemos ter a coragem de entrar em contacto com estas famílias, de modo discreto mas generoso, material, humana ou espiritualmente, nas circunstâncias em que são vulneráveis. Por fim, não posso deixar de encorajar os casais das Equipas de Nossa Senhora a serem instrumentos da misericórdia de Cristo e da Igreja para com as pessoas cujo matrimónio fracassou. Nunca esqueçais que a vossa fidelidade conjugal é um dom de Deus, e que todos nós recebemos misericórdia. Um casal unido e feliz pode compreender melhor do que qualquer outro, a partir de dentro, a ferida e o sofrimento que causam um abandono, uma traição, uma falência do amor. Por conseguinte, é necessário que possais contribuir com o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir as situações concretas destas*

peçoas, a acolhê-las com as suas feridas e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para participar de maneira apropriada na vida da Igreja.” (Discurso do Papa Francisco aos Responsáveis Regionais das Equipas de Nossa Senhora de todo o mundo – 10 de setembro de 2015).

Isto deveria servir de incitamento a procurar as formas de ir ao encontro dos muitos casais/famílias que vivem juntos ou apenas unidos civilmente para lhes poder levar também a Boa Nova do Matrimónio. Procurando colher o bem que certamente também está presente nessas relações e para lhes dizer com a nossa vida que há um bem maior que nos/os espera.

Vêm por vezes ao nosso conhecimento as situações difíceis de casais porque, cada vez mais frequentemente, afetam as nossas famílias e também equipistas. É necessário que tenhamos a coragem de procurar as modalidades de intervenção adequadas, que deveriam ser ligeiras como o sopro do Espírito, profundas na caridade e atentas à pessoa.

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada da fragilidade no casal e na família?

Para saber mais	
Sínodo dos Bispos	Relatório final – setembro 2015
João Paulo II	Exortação apostólica Familiaris Consortio n. 84 (1981)
Bento XVI	Sacramentum caritatis n. 29
Card. D. Tettamanti	Carta pastoral: O Senhor está ao lado dos que têm o coração ferido

V – Pistas para o Dever de se Sentar

Que espaço ocupa o perdão entre nós? Quando nos sentimos acolhidos na nossa fragilidade?

Como enfrentámos os momentos difíceis?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- Que experiências já vivemos de amigos divorciados, separados?
- Que atitude tomamos diante dos filhos que começam uma vida em comum ou se unem apenas civilmente?

Partilha – Algumas pistas

- Qual a Palavra que trouxe alívio e misericórdia ao nosso coração?
- Que experiências espirituais empreendemos para acolher e para nos aproximar das fragilidades do nosso cônjuge, dos membros da nossa equipa ou dos outros?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Já compreendemos a beleza e a necessidade da missão que Deus nos confiou? E como pensamos pô-la em prática na nossa vida de casal?



- Ao experimentar a ajuda de Deus, dos membros da nossa equipa ou de outros que nos são próximos nos momentos difíceis, como podemos também nós ficar ao lado dos que sofrem as dificuldades da família?

VII – Oração final

*Vem Espírito Santo
e dá-nos a energia do bem,
motor do quotidiano,
guardião da solidez e da qualidade
de cada dia,
fonte de confiança no futuro.
Permite que possamos estar confiantes na energia do bem
que nos foi dada pelo matrimónio,
que está acima de nós e nos acompanha,
que nos abençoa e protege,
não pelo nosso compromisso pessoal,
mas pelo poder de Deus que age na história do homem,
e às vezes fala pela boca dos mais pequeninos.*

Ação Católica de Ambroise

Reunião nº 6

"...SOMOS SUAS TESTEMUNHAS E POR ISSO VOS FALAMOS DELE..." – EDUCAR PARA A FÉ

I - A Palavra de Deus

Primeira Epístola de S. João 1, 1-4

O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida – de facto, a Vida manifestou-se, nós vimos-a, dela damos testemunho e anunciamos-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós – o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemos-vos isto para que a nossa alegria seja completa.

Esta passagem foi escolhida porque nela encontramos o caminho apaixonado do ser humano que transmite aquilo em que acredita. Uma fé ligada ao quotidiano, ao tangível e palpável, que fala de comunhões e Comunhão e, sobretudo, prepara para a alegria. *“A testemunha de Cristo não transmite simplesmente informações, mas compromete-se de maneira pessoal na verdade que propõe e, através da sua própria vida, torna-se um ponto de referência confiável. Todavia, não se inspira em si mesma, mas em Alguém que é infinitamente maior do que ela, em Quem confiou e de Quem experimentou a bondade fidedigna”* (Bento XVI – O Papa e as Crianças: Educar para a Fé, o Seguimento e o Testemunho).

Contar e dar testemunho são, portanto, um privilégio do ser humano: cada um com o seu dom, com a sua beleza, com a sua miséria e com o maravilhar-se com as suas próprias capacidades e propostas. Consequentemente, *“sem o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas, o Anúncio, embora seja correto, corre o risco de ser incompreendido ou de se afogar no mar de palavras que caracteriza a nossa sociedade”* (Sínodo, Lineamenta 30).

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

Educar para a fé é uma afirmação complexa. De facto, a etimologia das palavras que a compõem (educar e fé) apontam para duas situações contrastantes como sejam o **movimento e a estabilidade**.

Educar (movimento) vem do verbo latino e-ducere, literalmente “levar para fora”, ou seja, libertar, fazer aparecer qualquer coisa que está escondida. A família cristã toma a iniciativa de acolher a ideia e o compromisso não apenas de ser a “promotora” que faz sair para fora o que há de melhor nos filhos, mas também tem o cuidado de aconselhar, contar, transmitir o que considera importante para o seu crescimento. É importante que se tornem protagonistas da própria educação, compreendida de forma autónoma e adulta, como se deixássemos o que temos para procurarmos o que somos.

Nas escrituras a fé (estabilidade) é uma atitude, uma experiência, uma relação. A sua “solidez humana e vital” faz com que, no Antigo Testamento, a língua hebraica, para o definir, tenha de recorrer a numerosas palavras. Em hebraico começa por ser o verbo *batach*, que evoca um sentimento de segurança, uma fundação sobre a qual se pode apoiar o pé, um sentido de tranquilidade. Vem depois o verbo *amàn*, que deriva do termo utilizado para referir a faixa utilizada pela mãe para segurar a criança junto a si. O verbo *amàn* indica, portanto, adesão.

Na frase “educar para a fé” as duas situações de movimento e de estabilidade perseguem-se entre si. Pensamos que, para unir de forma ideal a educação e a fé, se torna necessário fazer pesquisa.

“O verdadeiro caminho da fé começa quando se descobre que nenhuma coisa, nenhuma pessoa, nenhuma situação responde de forma definitiva à profunda tensão que trazemos no coração” (C. Molari).

Antes de ser o lugar para a educação para a fé cristã, a família é o ambiente natural onde se faz a primeira experiência de confiança: cada criança recém-nascida abandona-se instintivamente à sua mãe. Pode dizer-se que acredita na mãe e que tem mesmo necessidade de o fazer para sobreviver. Também a mulher, no seu sentimento maternal, pelo facto de se sentir mãe, desenvolve uma relação de confiança com o filho. E até mesmo o homem crê na mulher que fez dele pai e crê no seu filho.

A família, enquanto igreja doméstica, torna real a fé no seu quotidiano porque é composta por pessoas que creem umas nas outras.

Esta confiança fundamental, que se vive nas relações familiares, torna-se o “húmus” da educação para a fé cristã. A intervenção educativa já não é referenciável à ação de uma única pessoa, mas sim à interação de pessoas que trabalham em rede segundo uma lógica de verdadeira colaboração (pai, mãe, pároco, professores). A educação para a fé passa, portanto, através de numerosas estruturas relacionais, na medida em que é sempre relacional e se realiza nas relações interpessoais.

III – A realidade recontada



Quero dizer-vos, intencionalmente como um paradoxo, que o meu pai nos educou porque para ele não era problema “educar-nos”, convencer-nos de qualquer coisa. É certo que o desejava e certamente rezava para isso, mas era como se nos desafiasse: “Sou feliz, vejam a minha vida, vejam se encontram alguma coisa melhor e decidam”. Procurava obstinadamente alcançar a sua santidade, não a nossa. Sabia que apenas pela nossa livre escolha chegaria a nossa vez de nos tornarmos santos. Quando chega a crise que, frequentemente, vai a par do crescimento, o educador deve ser a testemunha da misericórdia. Esta identificação da educação com a misericórdia traz em si consequências que me parecem definitivas: a educação não se apoia sobre técnicas psicológicas, pedagógicas ou sociológicas, mas é a oferta da própria vida à vida do outro. É a oferta de uma proposta de vida existencialmente significativa e convincente que tem as suas raízes na experiência feliz e certa da testemunha.

(Prof. Nembrini, Encontro da diocese de Roma)

...Em minha casa a religião não tinha nenhum carácter solene: limitávamos a recitar todos os dias a oração da noite todos juntos. Há, porém, um aspeto particular que recordo bem e do qual me lembrarei sempre enquanto viver: as orações eram entoadas pela minha irmã e porque, para nós crianças, eram muito longas, acontecia muitas vezes que a nossa “diaconisa” acelerasse o ritmo e se enganasse saltando as palavras, até que o meu pai interviesse intimando-a a recomeçar desde o princípio.

Aprendi então que com Deus é preciso falar devagar, com seriedade e com delicadeza. Permanece também vivamente gravada na minha memória a posição do meu pai nesses momentos de oração. Voltava cansado do trabalho no campo e depois do jantar ajoelhava-se no chão, apoiava os cotovelos numa cadeira e a cabeça sobre as mãos, sem olhar para nós, sem fazer um movimento, nem dar o mínimo sinal de impaciência. Pensava então: o meu pai, que é tão forte, que governa a casa, que conduz os bois, que não se verga diante do prefeito, diante dos ricos e dos homens maus... diante de Deus torna-se como uma criança. Como ele muda quando começa a falar com Ele! Deus deve ser muito grande se o meu pai se põe de joelhos diante dele! Mas deve ser também muito bom se podemos falar

com ele sem ter de mudar de roupa. Pelo contrário, nunca via a minha mãe ajoelhada. Estava demasiado cansada à noite para o fazer. Sentava-se no meio de nós, tendo nos braços o mais pequeno... Também recitava as orações do princípio até ao fim e não parava um instante de olhar par nós, um depois do outro, fixando um olhar mais longo sobre os mais pequenos. Não pronunciava uma palavra nem quando os mais pequenos a importunavam, mesmo quando a trovoada se enfurecia por cima da nossa casa ou o gato provocava quaisquer infortúnios. E eu pensava: Deus deve ser muito simples, se podemos falar com ele com uma criança nos braços e com o avental vestido. Deve ser também uma pessoa muito importante se a minha mãe quando fala com ele não presta atenção nem ao gato nem à trovoada! As mãos do meu pai e os lábios da minha mãe ensinaram-me coisas importantes sobre Deus!

(P. Duval – texto citado em “Ao Serviço da Palavra”, outubro-novembro 1998)

Para saber mais

Pintura: *A educação de Maria – Jean Baptiste Tiepolo – Veneza, Igreja de Santa Maria della Fava*
Filme: *A vida é bela» – Roberto Begnini – 1997*
Poesia: *A tous les jeunes – Alda Merini – La vita facile – Bompiani Editeur 1996*
Canção: *La Cura – Franco Battiato – La emboscada – 1996 – www.youtube.com/watch?v=cLip-YJeuzc*

IV – Reflexão



Em relação à educação dos filhos, o Papa Francisco exprime-se assim:

...uma característica essencial da família, ou seja, a sua vocação natural é a de educar os filhos a fim de que cresçam na responsabilidade por si mesmos e pelo próximo. O que ouvimos do apóstolo Paulo, no início, é muito bonito: «Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor. Pais, não irriteis os vossos filhos, para que eles não desanimem» (Cl 3, 20-21). ...Por isso, a relação entre pais e filhos deve ser sábia, profundamente equilibrada. ...Para os pais que só se encontram com os filhos à noite, quando voltam para casa do trabalho cansados e com pouca paciência é difícil educar. É ainda mais difícil quando os pais estão separados e os filhos são tomados como reféns das feridas dos outros: é difícil mas não é impossível.

Por amor é possível. Porque, se é verdade que não há pais perfeitos, há “erros” que apenas aos pais é permitido cometer porque os podem compensar de formas impossíveis a quaisquer outros. Muitos pais ficam incomodados com as novas exigências dos filhos e ficam como que paralisados perante este receio de se enganarem, inventam imensas palavras, diálogos atrás de diálogos: porém o problema não é apenas falar, mas sim o fazê-lo de uma forma muito superficial que não conduz a um verdadeiro encontro da mente e do coração. Questionamo-nos sobretudo em que ponto dos seus caminhos se encontram os nossos filhos? Sabemos verdadeiramente onde se encontram as suas almas? Queremos sabê-lo? Estamos convencidos de que eles na realidade não esperam outra coisa? Na base de tudo está o amor, a caridade que Deus nos concede, a qual “não é arrogante, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor... Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13, 5-6) (Adaptado de “Audiência Geral em 20 de maio de 2015”)

As palavras do Papa provocam uma grande esperança no homem que procura. É o convite a abrirem-se também ao **desafio mais entusiasmante**: educar os próprios filhos para a vida da fé. Porque isso implica aceitar a oportunidade de se pôr à procura do amor infinito, abrindo-se a todas as ajudas possíveis ao longo do caminho do encontro cada vez mais profundo com Deus.

Devemos aprender como Jesus educava para a fé, como ele conduzia à fé os homens e as mulheres que encontrava nas estradas da Palestina, para nos tornarmos nós próprios mais confiáveis no educar para a fé.

Jesus sabia não ter preconceitos, sabia criar um espaço de confiança e de liberdade onde o outro pudesse entrar sem ter medo e sem se sentir julgado. Nas estradas, ao longo das praias, nas casas, nas sinagogas, Jesus criava um espaço de acolhimento entre si próprio e o outro que se aproximava dele ou que o procurava; colocava-se sobretudo à escuta do outro, procurando perceber o que lhe ia no coração, qual era a sua necessidade. Quando Jesus encontrava o outro, encontrava-o como homem, não como pecador, ou doente, ou pobre. Jesus cuidava do homem como um todo e procurava a fé presente no outro porque sabia que a fé é um ato pessoal a que cada um deve aderir em liberdade: ninguém pode acreditar em vez do outro. Através da sua presença de homem confiável e acolhedor Jesus tornava possível a fé, fazendo-a emergir simplesmente pelo facto de estar ali para o outro” (E. Bianchi – La pedagogia di Gesù nell’educare alla fede).

A confiança como ato pessoal é, portanto, a chave para aceder **à procura de Deus**. Acreditamos no homem que caminha na fé e é capaz de dela dar testemunho. Não nos questionamos de onde partiu, se a sua família o apoiou ou o obrigou, se os seus encontros foram banais ou importantes, se as suas relações foram sólidas ou precisam de ser reforçadas. É provável que num dado momento tenha sido Deus que o procurou.

Procurava Deus nos livros // no milagre de falar pouco de mim mesmo...// no jardim onde se passeava um melro // nos campos onde em julho o trigo amadurece e fica doirado // na igreja quando não havia ninguém // e de repente chegou sem ser esperado // com o coração nas mãos // e disse // porque me procuras // às vezes é preciso saber esperar por mim (J. Twardowski – do livro “Affrettiamoci ad amare”, poesia, Cercavo).

O homem fica feliz pelo simples facto de ter descoberto Deus. Fê-lo feliz pela sua proximidade e encheu-o de alegria. Tornou-o capaz de amar e, portanto, de dar testemunho do encontro.

Educar para a fé é uma transmissão de amor. A adolescência dos filhos, o momento dos “não”, da irritação, as situações mais absurdas parecem interromper esta transmissão. E também nesses momentos é preciso continuar a esperar e a amar.

“Há as noites da fé, em que parece que a semente morreu debaixo da terra gelada do inverno. E, no entanto, Deus não dorme, não é vencido pela noite, não é parado pelo gelo, em seu tempo acordará a semente boa. Nos momentos em que parece que os nossos filhos se transformaram em “extraterrestres”, é preciso estar ao lado deles não apenas com toda a inteligência educativa, mas sobretudo com uma alma recolhida em oração e elevada na esperança certa de que Deus ama estes “extraterrestres” muito mais do que nós mesmos.

...Parar em frente ao Tabernáculo e deixar que o coração se transforme para ver e ouvir o que Deus vê e ouve. Educar significa ter os mesmos sentimentos que o Senhor.

E, ainda, ajudar a amar os sacramentos desde a infância, esse tesouro de graça objetiva que nos leva à liberdade apesar de nós mesmos. Portanto, como pais, é-nos pedido que não esqueçamos como éramos adolescentes, com as nossas dúvidas e as nossas mentiras. Esta memória ajuda-nos a ter um olhar de esperança sobre os jovens: tal como nós fomos retirados por Deus para fora do vespeiro da adolescência, feridos e cheios de ligaduras mas dali para fora, assim será para eles” (Irmã Roberta

Vinerba, para a rubrica mensal intitulada “O que os vossos filhos não dizem” do suplemento “Os nossos pais e filhos”).

A família que acompanha os seus próprios filhos, que os escuta e não os critica, que os educa na procura da esperança, da caridade e, depois, da fé, é uma família que já acolhe no seu interior a atenção e a abertura para o mundo.

“Na vida social, na política, na crise económica, há sempre um trabalho a realizar para melhorar a situação. Gosto de ver o homem de fé como um trabalhador inabalável. A raiz do seu empenho é o Evangelho que nele suscita o despertar” (M. Bellett).

“Mais do que uma comunidade, a vida cristã é uma comunhão. Com a fé – uma fé viva, entenda-se – os cristãos entram em comunhão com o pensamento divino... com a caridade amam a Deus com o próprio coração de Deus... A sua fé é uma paixão de conhecer – de conhecer Deus e os seus pensamentos. Esforçam-se por manter esta fé viva e em expansão com a meditação da Palavra divina e atentos ao que Deus lhes quer dizer nos acontecimentos quotidianos” (H. Caffarel – Anneau d’Or, nº 56 – abril 1954).

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada da educação para a fé?

Para saber mais

Ermes Ronchi e Maria Marcolini

Uma fé nua – Ed. Romena – 2014

Antonietta Potente

A fé – Ed. Icone – 2006

Arturo Paoli e Dino Biggio

Formaste-me no silêncio – Ed. Paoline 2013

Giovanni Vannucci

No coração do ser – E. Romena – 2004

Walter Kasper

O Evangelho da família – Ed. Queriniana, Brescia 2014

V – Pistas para o Dever de se Sentar

Na nossa história de amor começámos por nos enamorar, quer dizer, por ser pessoas que dão e recebem a fé; depois, selámos o romance com um anel a que chamamos aliança.

Ao longo de toda a vida precisamos de ter fé, de confiar, de acreditar em alguém. E tu, em que medida acreditas em mim?



VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- Depois dos pais, é possível crescer sem ter confiança em alguém?
- É possível começar uma história de amor, de amizade, sem ter fé no outro?

Partilha – Algumas pistas

- Partilhemos como é que estes pontos concretos de esforço entraram na nossa vida durante este mês: “entre cristãos que se abrem uns aos outros, a comunhão dos Santos já não é apenas um dogma no qual se crê, mas uma experiência que se vive”.

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- É possível educar ou ser educado para a fé se a fé é um dom?
- Se é possível, sobre que fundamento podemos afirmá-lo à luz do projeto divino revelado na história?

VII – Oração final - A sapiência dos principiantes

Amo os homens desde o início, esta revolta dos jovens que recusam qualquer compromisso, faúlhas de palha que quebram os muros gigantescos do mundo. São uma erupção tranquila, livre e ingénua, pronta e dócil, com necessidade do imprevisto. Seguem inícios e arremetidas sem precisão, luz que gera luz, via que sugere uma outra via. Têm visões para além do horizonte, onde a eternidade raia a beleza. Tentam mover um dedo, ainda que não seja exatamente como o mundo gostaria. Emoção interior, chapada de vento em cheio na cara, amálgama de pó e de lágrimas, recordação de mar. Quem navega não precisa de âncora, leme ou remos, nem tampouco do medo de naufragar. Só têm pés, mãos e olhos. Pés como asas de migrantes, passos de povo em marcha, mãos corajosas mesmo em sonhos, casa do pão para todos. E olhos errantes, o ouro dos olhares como única riqueza. Amo-te tal como és, continua a guardar os teus sonhos loucos, a tua febre profética, a tua liberdade mantida sobre as dunas queimadas. O vento desenraíza-te e leva-te, abre o teu coração e dispersa as sementes, os rebentos. Dizem-te que as raízes ainda são fracas, que há pouca sombra; não acredites neles, os rebentos já refrescam o ar e nas suas folhas ouves o vento do outono. Tem confiança, há muitos anos que o inverno se transforma em primavera. Que um suspiro profundo proteja o teu sonho, guarde a primavera na tua alma, como uma chama que envolve uma outra. Faz falar a cavidade mais profunda do teu coração, o hálito dos sentimentos, de modo a que amor e alegria te conduzam ao tesouro. Que o Espírito desça e continue a amedrontar o coração dos que não têm um modo de ser, mas que apenas existem. Faz durar mais tempo o azeite na nossa candeia.

Don L. Verdi

Reunião nº 7

"E ASSIM SE FEZ A LUZ" – O VALOR SOCIAL DO MATRIMÓNIO E DA FAMÍLIA

I - A Palavra de Deus

Evangelho de S. Mateus 5, 13-16

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.

Leiam este comentário do Papa Francisco, procurando substituir cristãos/cristão por esposos/família.

“Para compreender melhor estas imagens, tenhamos em linha de conta que a Lei judaica prescrevia que se colocasse um pouco de sal sobre cada oferta apresentada a Deus em sinal de aliança. Para Israel a luz era, portanto, um símbolo da revelação messiânica que triunfa sobre as trevas do paganismo. Os cristãos, novo Israel, recebem assim uma missão diante de todos os homens: com a fé e com a caridade podem orientar, consagrar e tornar fecunda toda a humanidade. Todos nós batizados somos discípulos missionários e somos chamados a ser no mundo um evangelho vivo: com uma vida santa daremos “sabor” aos diversos ambientes e defendê-los-emos da corrupção, tal como faz o sal; e levaremos a luz de Criso com o testemunho de uma caridade genuína. Mas se nós cristãos perdermos sabor e faltarmos com a nossa presença de sal e de luz, perdemos a eficácia. Como é bela esta missão de dar luz ao mundo! É a nossa missão! É uma bela missão! É também magnífico guardar a luz que recebemos de Jesus, protegê-la, conservá-la. O cristão deveria ser uma pessoa luminosa, portadora da luz, que dá sempre a luz! Uma luz que não é sua porque é um dom de Deus, é o dom de Jesus. E nós somos portadores dessa luz. Se o cristão apaga esta luz a sua vida deixa de ter sentido, é um cristão apenas no nome. Mas gostaria de vos perguntar agora: como quereis vós viver? Como uma lâmpada acesa ou como uma lâmpada apagada? Acesa ou apagada? Como quereis viver? Lâmpada acesa. É o próprio Deus que nos dá esta luz e nós damos-a aos outros. Lâmpada acesa. É esta a vocação cristã.”

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

“O matrimónio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor” (HV 8). Perante a pluralidade de tipologias de “família” que hoje encontramos, queremos evidenciar neste capítulo as razões que colocam o casal/esposos e a família (identificável pela existência de uma relação pais-filhos) como a base para a construção da sociedade.

Face ao anonimato e ao individualismo de numerosas sociedades contemporâneas que reduzem a família a um assunto privado, queremos reiterar que *os esposos/a família são* o recurso mais importante. A sociedade globalizada encontrará um futuro sólido de civilização se, e na medida, em que for capaz de promover uma nova cultura da família, porque é aí que, graças ao seu carisma específico, se inicia a construção, a defesa e a promoção do “nós” da humanidade. A dimensão “familiar” poderá ser assim alargada à família dos povos.

A fecundidade dos esposos é explicada em três modalidades. Para começar, há a fecundidade conjugal que se realiza na construção do próprio casal para termos depois a fecundidade que é reconhecida desde sempre, a biológica e parental, que se baseia na transmissão da vida e na educação dos filhos. Em terceiro lugar, temos a fecundidade social em que somos chamados como esposos/família a dar testemunho dos valores específicos da relação conjugal e familiar como “o lugar nativo e o instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da sociedade” (FC 43).

III – A realidade recontada



De regresso da Albânia, estamos em nossa casa ainda aturdidos pelo rio de emoções que experimentámos no campo para jovens onde vivemos um período de voluntariado aberto para o mundo e ao mundo. Uma experiência de família desejada e levada por diante com persistência e força, mas também com algumas perplexidades e contestações. Um regresso a um passado que Enza e eu já tínhamos visto, pouco depois de ficarmos noivos, nessa terra ainda em revolta. Quando, no mês de maio, comunicámos às nossas filhas o desejo de irmos lá todos juntos, Eleonora, de 14 anos, encontrou forma de mostrar o seu desacordo e mostrar a sua rebeldia: “O que vamos fazer num sítio onde não há nada, onde não conhecemos ninguém? Vocês os dois são sempre assim: não vos basta estarem rodeados de pessoas em vossa casa...?!” É como o sal sobre a ferida o não aceitarmos o nosso estilo de vida... Olhámos um para o outro, Enza e eu, duvidando se deveríamos responder, esclarecer, apresentando depois as nossas motivações e convicções. No silêncio revimos as imagens e as emoções ocorridas em mais de vinte anos de vida em comum. Desde o nosso noivado sempre estivemos de acordo em reconhecer o nosso casal e depois a nossa família como um dom recebido que devia e deve ser restituído. Demos expressão a isto abrindo aos outros a nossa casa, o nosso tempo, a nossa vida. Estamos conscientes de não possuir muito, mas queremos partilhar tudo com os outros. Para nós a Albânia foi a vizinha da casa ao lado e o início... depois foi Tiziana, que se tornou filha de acolhimento, Khadim e os seus vistos de estadia cada vez mais complicados, Miriam, companheira da nossa filha na procura de uma casa com a família, Tat e o seu mundo oriental tão diferente do nosso, os nossos pais que atingem a idade de ser outra vez filhos e filhas,... e de novo duas semanas na terra das águias. De regresso da Albânia, Eleonora convoca toda a família para a cozinha, enquanto Sofia vê algumas fotos de grupos e Carla cantarola o Pai-Nosso numa língua incompreensível, mas que nos recorda os amigos que acabámos de deixar. “Queria pedir uma coisa – começa Eleonora, corando de forma bem evidente e cruzando os dedos dando nós improváveis – diverti-me imenso!!! Podemos voltar lá no próximo ano?”

(Enza e Michele, equipistas)

Conhecemos Sara, mãe solteira e sem trabalho; mora naqueles bairros dos serviços sociais perto da nossa casa: como conseguirá ter condições para suprir as necessidades da pequena Cristina? Mohamed e Fatima são também nossos vizinhos: acaba de nascer mais uma criança, Karim, mas o pai perdeu o emprego e dentro em pouco arrisca-se a perder a casa porque não paga a renda há vários meses. A crise económica, que atinge de forma concreta a vida de tantas pessoas e famílias, não discrimina conforme a nacionalidade. E, infelizmente, há também Luca, um dos nossos amigos das atividades da paróquia que perdeu o emprego, enquanto Lucia, a sua mulher, deixou o call center durante a gravidez e agora não sabe se voltará a trabalhar porque tem de se dedicar ao pequeno Giorgio. Para estes nossos amigos o nascimento dos filhos é uma alegria que se transformou em fonte de inquietação ou mesmo de medo quanto ao futuro. Uma bênção? Temos-lhes dito que sim, porque a vida, quaisquer que sejam as condições em que é acolhida, é uma bênção. Temo-lo dito juntos. Juntos, é este o segredo:

a partilha do que temos recebido. Contar e partilhar as nossas experiências de jovens pais que nos mantém unidos e que, apesar das dificuldades, nos fazem felizes. E enfrentamos juntos as adversidades... Ajudamo-nos mutuamente porque vivemos a mesma condição, temos as mesmas necessidades relativas ao cuidar dos filhos, mas sobretudo a necessidade de relações e de fraternidades. A legislação aplicável permite criar creches parentais? Pois bem, pusemos a nossa casa à disposição e pedimos a Sara, a mãe solteira, e a Lucia, que tem um diploma de educadora, para tomarem conta, para além dos seus próprios filhos, também do nosso Marco, de Karim e de filhos dos nossos amigos. E na creche Fatima conheceu Paola, que se tornou uma “mãe-amiga” que a apoia e a acompanha, ajudando-a a orientar-se num mundo que ainda é estranho para ela. Não guardámos para nós o dom de ser família, antes o partilhámos, nós e outros, gerando assim solidariedade, amizade, fraternidade.

(Família, energia para a vida - Ação Católica de Ambroise)

IV – Reflexão



Os sociólogos sublinham que a família é a primeira célula da socialização, isto é, o local onde se aprendem os valores, os hábitos e os costumes da sociedade onde se vive.

Por outro lado, é sempre mais evidente um processo de “individualização” que leva o *eu* a prevalecer sobre o *nós* e o *indivíduo sobre a sociedade* com a consequente desintegração desses laços, ainda que estáveis e duradouros.

Acreditamos que, em sociedades como as nossas, temos uma necessidade espasmódica da família. De facto, não há um “equivalente funcional” da família para reproduzir recursos como a reciprocidade, a confiança, o sentido da ligação com os outros e, portanto, o sentido do bem comum. A família pode contribuir para criar e difundir a “cultura do encontro” que o Papa Francisco propõe como um “bálsamo” para curar as feridas da humanidade contemporânea, para tornar o mundo na verdadeira casa de todos: *“Se a família está vibrante de vida, também a sociedade estará cheia de vida. E se a família é forte, também toda a sociedade será forte”* (Arcebispo V. Paglia, Encontro Mundial das Famílias, Filadélfia, 2015).

A pessoa humana não pode ser entendida como um indivíduo isolado mas sim como um “ser em relação”. **A família é única na sua capacidade de gerar relações.** Como disse o Papa Francisco, na Assembleia do Pontifício Conselho da Família (2013), *“A família é o lugar onde se aprende a amar, o centro natural da vida humana. É feita de rostos, de pessoas que amam, dialogam, se sacrificam pelos outros e defendem a vida, sobretudo a mais frágil e débil. Sem exagerar, poder-se-ia dizer que a família é o motor do mundo e da história”*. A família é pois a primeira sociedade natural, origem e fonte de qualquer outro agregado social, tal como é desejo de Deus desde o começo do mundo. De facto, na narração do Génesis (1, 27-28), Deus confia a Criação ao casal.

O valor social do matrimónio e dos esposos resulta do carisma de comunhão e de dom da vida que lhes é específico. *“Da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total”* (EG 66) nasce um “sujeito plural” que transcende a individualidade para criar um “nós” que enfrenta a construção de um futuro comum. *“A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor”* (FC 43). Assim, *“a família cristã é chamada a tomar parte viva e responsável... colocando-se ao*

serviço da Igreja e da sociedade no seu ser e agir, enquanto comunidade íntima de vida e de amor” (FC 50).

Mons. Renzo Bonetti destaca quatro características para distinguir de uma forma original a relação comunhão/amor conjugal: **complementaridade, partilha, corresponsabilidade e coexistência.**

Os esposos vivem a *complementaridade* porque se apoiam reciprocamente na plenitude, acolhendo as diferenças e amalgamando-as na unidade. A complementaridade não desvaloriza a realização da própria pessoa, antes lhe dá a solidez da reciprocidade e da relação. Esta capacidade, quando exteriorizada, torna-se recurso para a construção de uma sociedade unida onde cada membro se realiza nas relações com o resto da comunidade e como antídoto ao isolamento que se vai difundindo como hábito de vida. A arte de fazer comunidade permite construir uma vida social à medida do homem onde cada pessoa é valorizada porque aceita na sua diversidade.

A *partilha* é verdadeiramente um estilo de vida que os esposos põem em prática ao partilhar totalmente as suas vidas e as suas pessoas. Pode tornar-se um estilo que se constrói ao redor da família, na Igreja e na sociedade. Acolhendo-se recíproca e intimamente, os esposos poderão partilhar alegrias e dores, fadigas e satisfações com os que encontram na sua vida.

A vida das famílias tem necessidade da *corresponsabilidade* dos esposos na organização do quotidiano, na gestão dos filhos e dos recursos económicos. Conscientes de que ambos cooperam para o bem do casal e da família, o empenho no bem-estar do outro é bom para todos. Por outro lado, ao aprender a ser corresponsáveis em casal, estão a aprender a olhar para o bem comum da humanidade, ou seja, a habituar-se a levar os pesos uns dos outros, a assumir uma maior responsabilidade eclesial e civil.

Por fim a última dimensão, a que talvez se destaque mais porque sintetiza todas as outras, é a coexistência, os esposais da alma. Realiza-se quando interiormente se está presente um para o outro, quando se acolhe o amado dentro de si ao ponto de, mesmo sem a sua presença física, o outro estar lá e sentir-se a sua presença. O amor é tão forte que tu habitas em mim, arranjo espaço para ti dentro de mim, sou um só contigo. A coexistência é também vivida com os filhos, embora de uma maneira diferente. As nossas comunidades civis são, infelizmente, caracterizadas por um ténue sentimento de pertença, tal como a vida social se limita a procurar equilíbrios e compromissos entre tantos individualismos. Testemunhar a coexistência a quem na sociedade já não sabe o que é proximidade, estar perto, significa aumentar a coesão das nossas sociedades.

O valor social da família exprime-se essencialmente no facto de a família ser o **santuário da vida**, o local onde *por excelência* a existência dos seres humanos se desenvolve, é sustentada e protegida em todas as fases da sua história, desde a origem no ventre materno ao crescimento, ao declínio na doença e na morte. A família é depois escola de socialização. Em família cresce-se na responsabilidade e na liberdade, premissas indispensáveis para se assumir qualquer compromisso na sociedade, assim como se é testemunha do respeito e do acolhimento, do perdão e da reconciliação, da gratuidade e da justiça, atitudes que podem humanizar as nossas sociedades. Ser educado nestes valores e educar para os mesmos significa dar resposta às problemáticas mais atuais da nossa sociedade, como sejam o interesse pelo bem comum, a confiança no outro e a relação com as outras culturas.

Tal como sugerido pelo Papa Francisco, há três palavras que podem contribuir para nos educar nesse sentido.

Por favor! Esta expressão ilustra uma atitude de respeito com todos os seus ingredientes: a delicadeza, a discrição, a paciência, o acolhimento, que expressam a capacidade de reconhecer o outro como uma

realidade preciosa. A família é o local ideal para treinarmos a nossa disponibilidade para o respeito, sobretudo para com o mais vulneráveis (crianças, idosos, doentes). Como diz o Papa Francisco: *“O laço de fraternidade que se forma em família, entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura ao próximo, é uma grande escola de liberdade e paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana, como devemos conviver na sociedade. Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo! A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira e sobre as relações entre os povos”* (Audiência Geral de 18 de fevereiro de 2015).

Desculpe! Exprime um pedido de perdão: quer dizer, tomar consciência de ter enganado, ofendido, traído a confiança do outro, de ter esquecido a suas necessidades. É este o fundamento para viver com misericórdia e compreensão até mesmo nas relações sociais. Mas em família tem de se ir para além do perdão porque o clima de amor requer e sustenta de facto a reconciliação profunda que renova as relações, tornando-se fonte de uma vida nova.

Obrigado! Requer a consciência de não se ser o centro do mundo, de deixar espaço para o outro, de reconhecer o que fizeram outros, que talvez tenham vivido antes de nós. A propósito, o Papa Francisco diz: *“Devemos tornar-nos intransigentes sobre a educação para a gratidão e o reconhecimento: a dignidade da pessoa e a justiça social passam ambas por aqui. Se a vida familiar ignorar este estilo, também a vida social o perderá. Além disso, para o crente a gratidão encontra-se no próprio cerne da fé: o cristão que não sabe agradecer é alguém que se esqueceu da língua de Deus”* (Audiência Geral de 13 de maio de 2015). Por outro lado, *“as relações entre os membros da comunidade familiar são inspiradas e guiadas pela lei da «gratuidade» que, respeitando e favorecendo em todos e em cada um a dignidade pessoal como único título de valor, se torna acolhimento cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda”* (FC 43).

O povo de Deus tem necessidade de, no seu dia-a-dia, caminhar na fé, no amor e na esperança dos esposos e das famílias com todas as alegrias e as fadigas que este percurso comporta. *“Para responder plenamente à vocação dos esposos, para orientar a fecundidade é indispensável crescer na consciência de que cada casal faz parte de uma história humana muito maior: a história que diz respeito a todos os homens de todas as regiões da terra, tanto a sua história passada como a presente e a futura. Com o seu estilo evangélico os esposos cristãos constroem a história e a sua história com a humanidade”* (Equipas de Nossa Senhora, Amor e Matrimónio, 1997). Para realizar esta missão social é preciso ir ao encontro do mundo e *“viver simplesmente, amar-se simplesmente, mas com uma força e uma transparência tais que o ambiente à nossa volta seja inconscientemente atingido e haja quem diga «olha!» num mundo onde, mesmo entre os jovens, se perde a confiança no amor, este testemunho de amor conjugal prestado pelos casais cristãos é de altíssimo valor”* (H. Caffarel).

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada da abertura ao mundo?

Renzo Bonetti

Nicoletta e Davide Oreglia

João Paulo II

Conselho Pontifical para a Justiça e a Paz

Para saber mais

Família, fonte de comunhão, 2004

Família, crê no que tu és, 2008

Familiaris Consortio, 1981

Resumo da Doutrina Social da Igreja, 2006



V – Pistas para o Dever de se Sentar

Em que medida, no nosso casal vivemos a complementaridade, a partilha, a corresponsabilidade e a coexistência que constituem o nosso carisma de esposos?

VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- Em que contexto social nos empenhamos, como esposos/família cristã, com o nosso “viver simplesmente, amar-se simplesmente...”? (mais do que com o fazer...)

Partilha – Algumas pistas

- Confiamos a Deus a nossa dificuldade em sair da ilha feliz que é a nossa família?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Estamos conscientes de que a nossa fecundidade de casal é a fonte da fecundidade parental e social?

VII – Oração final

Queremos construir uma casa contigo, Senhor,
uma casa onde se esteja bem porque nos amamos,
onde ninguém quer ser maior e mais importante,
mas todos estão ao serviço dos outros,
como Jesus que lavou os pés à família dos seus amigos.
Uma casa que resiste às dificuldades e a numerosos perigos,
porque o nosso amor é verdadeiro e fiel:
amor dos filhos e dos pais, amor de pai e de mãe,
como Jesus que se deu pela grande família da humanidade.
Uma casa acolhedora onde todos possam entrar,
o pobre e o rico, que está presente na alegria e nas dificuldades,
como Jesus que se aproximava de todas as pessoas e estava com os pobres e com os que sofriam.
Ajuda-nos, Senhor, a fazer da nossa casa uma pequena igreja,
para vivermos juntos, unidos no teu amor.

Reunião nº 8

“COMO NÃO SABEIS RECONHECER O TEMPO PRESENTE?” – DINÂMICAS CULTURAIS

I - A Palavra de Deus

Evangelho de S. Lucas 12, 54-57

Dizia também às multidões: «Quando vedes uma nuvem levantar-se do poente, dizeis logo: ‘Vem lá a chuva’; e assim sucede. E quando sopra o vento sul, dizeis: ‘Vai haver muito calor’; e assim acontece. Hipócritas, sabeis interpretar o aspeto da terra e do céu; como é que não sabeis reconhecer o tempo presente? Porque não julgais por vós mesmos, o que é justo?»

O Concílio Vaticano II exprime-se assim: “... é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático” (GS 4). No Evangelho de S. Lucas Jesus pede aos seus contemporâneos para reconhecerem os sinais dos tempos. Mas seremos nós capazes de o fazer? Somos capazes de compreender o que nos diz hoje o Senhor, ler a sua presença no meio de nós? “*Estás cheio de razão, Senhor: somos uns hipócritas. Fingimos não ver, não prestar atenção ao que sucede, brincamos perante os acontecimentos que nos obrigam a compreender e a crer. Agimos como se não fosse preciso mudar nada, como se a Igreja fosse inamovível, como se tudo estivesse previsto*” (Comentário de Paolo Curtaz). São palavras fortes que nos obrigam a refletir sobre como nos apraz sentarmo-nos comodamente numa poltrona de leis e regras a seguir, sem pensar que o homem concreto, o homem de carne e osso, está antes das leis. O Senhor Jesus pergunta-nos por que não assumimos a responsabilidade de encarar a mudança da realidade no lugar e no tempo em que vivemos.

Meditemos e reflitamos em casal sobre a Palavra de Deus

II – Apresentação do capítulo

Este capítulo pede-nos que tenhamos em consideração algumas mudanças na maneira de estar e de viver as relações em casal e em família.

Nesta reflexão, somos ajudados pelas palavras pronunciadas pelo Papa Francisco na homília em Santa Marta no dia 23 de outubro de 2015: “*Os tempos seguem o seu curso: mudam. Os cristãos devem fazer o que Cristo quer: avaliar os tempos e mudar com eles, mantendo-se firmes na verdade do Evangelho. O que não é admissível é o tranquilo conformismo que, de facto, nos faz permanecer imóveis. Deus criou-nos livres e para ter essa liberdade devemos abrir-nos à força do Espírito e compreender bem o que se passa dentro e fora de nós, usando o discernimento. Sentimo-nos livres para julgar o que se passa fora de nós. Mas para julgar temos de conhecer bem o que sucede fora de nós. Como se pode fazer isto a que a Igreja chama ‘conhecer os sinais dos tempos’?*”

Este é um trabalho que normalmente não fazemos: conformamo-nos, tranquilizamo-nos com ‘disseram-me, ouvi dizer, as pessoas dizem, eu li...’. Assim ficamos tranquilos. Mas qual é a verdade? Qual é a mensagem que o Senhor nos quer dar com os sinais dos tempos? Para compreender os sinais dos tempos é necessário começar por fazer silêncio: fazer silêncio e observar. E depois refletir dentro de nós. E rezar. Silêncio, reflexão e oração. Apenas assim poderemos compreender os sinais dos tempos, o que Jesus nos quer dizer.

E compreender os sinais dos tempos não é um trabalho exclusivo de uma elite cultural. Jesus não diz “vede como fazem os universitários, vede como fazem os doutores, vede como fazem os intelectuais...”. Jesus fala aos camponeses que, na sua simplicidade, sabem distinguir o trigo do joio.

Os tempos mudam e nós cristãos devemos mudar continuamente. Devemos mudar, firmes na fé em Jesus Cristo, firmes na verdade do Evangelho, mas a nossa atitude deve mover-se continuamente de acordo com os sinais dos tempos. Sejamos livres para o dom da liberdade que nos foi dado por Jesus Cristo”.

Propomos-vos, com estas premissas, que reflitam e partilhem os nossos pensamentos com alguns desafios culturais que dizem respeito à família. Em particular, os que estão ligados às diferentes formas de compreender a família e à sua própria evolução. Tal como pede o Papa Francisco, podemos refletir em conjunto com uma atitude de humildade e atentos à verdade de que o outro pode ser o portador.

III – A realidade recontada



Na próxima primavera vamo-nos casar na Igreja. Vivemos juntos há mais de 5 anos e temos um belo bebé, Mattia, que tem dois anos e meio. Decidimos viver juntos um ano e meio depois de termos começado a nossa relação e fizemo-lo porque ambos sentíamos a necessidade e um grande desejo de começar a construir qualquer coisa de mais importante e concreto. Viver juntos ajudou-nos a conhecermo-nos melhor e a compreender os ingredientes fundamentais que fazem funcionar uma relação de casal. Depois veio o Mattia, muito desejado, e com ele foi finalmente alargada a família que tínhamos desejado construir juntos. É certo que o sonho e o desejo de nos casarmos esteve sempre presente desde o início da relação, mas foi sendo adiado por diversos motivos, sobretudo económicos e laborais, que nem sequer nos tinham permitido fazer uma bela festa para partilhar com os amigos e os pais. Terminámos agora um percurso de preparação para o matrimónio com 8 encontros orientados por dois casais e um sacerdote. Para além de nós, havia mais sete casais em preparação para o matrimónio. Todos a viverem juntos. Foi agradável não nos sentirmos julgados, mas simplesmente levados pela mão com tanta disponibilidade e atenção. E foi muito positivo o confronto com os outros casais que, como nós, se preparam para o matrimónio: quem sabe se não será possível continuar a encontrarmo-nos depois de casados.

(Alessandro e Silvia – testemunho recolhido num grupo de preparação para o matrimónio)

Nunca, nem de longe, passou pela minha cabeça abortar porque, para mim, T. era e é o fruto do Amor. A nossa família é agora constituída por mim e por ela, que já tem 16 anos. Sim, a minha história dolorosa e ao mesmo tempo maravilhosa teve início no fim dos anos noventa quando me apaixonei pela pessoa errada... Essa relação levou, ao fim de mais ou menos um ano, a uma gravidez que me fez feliz, mesmo quando ele me disse que devia abortar. Como se não bastasse, tentou inclusivamente provocar um aborto com uma relação sexual violenta. Com o apoio psicológico da minha irmã e dos meus pais levei a gravidez a termo. Fui acolhida na casa deles durante seis anos; depois decidi ir viver sozinha com ela, até porque nós as duas é que éramos a verdadeira família. Tive de enfrentar numerosos problemas económicos e de organização. Mesmo os amigos da paróquia, superado o primeiro momento de curiosidade, desapareceram definitivamente da minha vista. Passámos momentos duros, ela em particular quando se sentiu rejeitada pelo pai que nunca a quis encontrar... e eu, conseqüentemente, a vê-la sofrer. Como se todos estes problemas não fossem suficientes, há dez anos

foi-me diagnosticado um tumor. Quem sou eu depois deste percurso de obstáculos cada vez mais difíceis? Sou uma mulher que teve de gerir sozinha as suas escolhas mais importantes e as que são impostas pela vida. É esta a minha vida e mesmo que alguém tenha dificuldade em acreditar nela, pelas pessoas que tive a oportunidade de encontrar e pela minha filha maravilhosa, nunca quereria ter vivido uma outra vida. Embora sendo profundamente crente, devo dizer com pesar que só comecei a viver bem e a aceitar esta situação a partir do momento em que consegui superar o pesado sentimento de culpa que me tinha sido transmitido pela educação religiosa; de facto, os amigos que me acolheram e aceitaram, demonstrando misericórdia e amizade, foram apenas os que conheci no trabalho e, portanto, fora do ambiente da paróquia onde cresci até esse momento em que engravidei.

(Virginia)

Para saber mais

Filmes

«O Primeiro que Disse», de Ferzan Ozpetek (2010)

«As fadas ignorantes», de Ferzan Ozpetek

«Minhas Mães e Meu Pai», de Lisa Cholodenko (2010)

IV – Reflexão



“A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. ...O matrimónio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do matrimónio à sociedade supera o nível da afetividade e o das necessidades ocasionais do casal.

Como ensinam os Bispos franceses, não provém «do sentimento amoroso, efémero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total” (EG 66).

A fragilidade das ligações é testemunhada pelo número crescente de separações e de divórcio. Em muitos casos prefere-se evitar as ligações matrimoniais e, de qualquer maneira, o casamento civil é em maior número do que o religioso quando se faz a escolha. Há cada vez mais casais que quando se vão casar já vivem maritalmente, alguns mesmo com filhos; as separações e os divórcios, pelo menos no mundo ocidental, ultrapassam mesmo os casamentos; a crise dos casais não tem idade (são muitos os casais com muitos anos de matrimónio que decidem separar-se); a dificuldade em ter filhos é também crescente, tendo em linha de conta que se desejam os filhos em idades mais que avançadas.

Sem entrar em argumentações moralistas, como Igreja deste tempo “nela devemos permanecer” e aí viver o presente e acolher esta complexidade. É necessário viver o hoje sem lamentações nem leituras nostálgicas, derrotistas ou, pior, diabolizantes.

A este propósito, o Santo Papa João XXIII, no discurso de abertura do Concílio Vaticano II em 11 de outubro de 1962, utiliza palavras fortes ao confrontar esses cristãos que apelida de “profetas da desgraça”: “No exercício quotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação. Nos tempos atuais, elas não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em

comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecuménicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. No presente momento histórico, a Providência leva-nos para uma nova ordem de relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes para além do que eles esperam, se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja”.

Examinemos algumas realidades que, embora com formas e dimensões diferentes, se tornam evidentes em todas as latitudes.

Perante o número crescente de **casais em união de facto (ou que vivem juntos)**, o relato final do Sínodo sobre a família, afirma no ponto 7 que *“na sociedade atual observa-se uma multiplicidade de desafios que, em maior ou menor medida, se manifestam em várias partes do mundo. Nas diversas culturas, não poucos jovens mostram resistência aos compromissos definitivos no que diz respeito às relações afetivas, e muitas vezes preferem conviver com um parceiro ou simplesmente manter relações ocasionais. ...A sociedade de consumo pode também dissuadir as pessoas de ter filhos, com o único motivo de manter a sua liberdade e o seu estilo de vida”*.

Para nós cristãos não está em discussão a validade do matrimónio, mesmo do ponto de vista social. Quais são então as causas que impedem duas pessoas que se amam de dar esse passo, embora considerem que a escolha que fizeram é definitiva e entre eles não haja falta de respeito mútuo, empenho em viver juntos, abertura à vida? Talvez um casamento anterior falhado, talvez o receio de não terem recursos suficientes nem para suportar as despesas da cerimónia ou a precariedade do trabalho, talvez o medo de não serem bem-sucedidos. Poderá haver tantos motivos. Frequentemente vemos os casais que vivem juntos entrar num processo com etapas, em que apenas optam pelo casamento (religioso ou civil) quando, entretanto, se consolidaram algumas condições (normalmente a chegada de um filho). Raramente os que decidem coabitar iniciam essa relação sem antes ter havido algum tipo de compromisso mútuo: a imagem do amor totalmente livre, sem qualquer tipo de vínculo e apenas disponível para tirar proveito do instante que passa é, em boa medida, um estereótipo e uma “lenda urbana” (ainda que as relações de coabitação exprimam, a seu modo, uma tendência para ser estáveis e duradouras), se bem que a reconstrução da ligação entre amor e vínculo, entre emoção e compromisso, surja como uma das necessidades mais imperiosas do nosso tempo. A geração “líquida” dos “sapatos sem atacadores” – isto é, disposta a iniciar relações sem compromissos – tem de reaprender a linguagem do amor que é compromisso e não apenas emoção.

A escolha do matrimónio permite aos cônjuges beneficiar da graça recebida com o sacramento. Isto dá-nos uma força especial para enfrentar juntos o caminho da vida. Por que será então que tantos casais, mesmo os que se declaram cristãos, recusam um tão grande dom? Uma primeira resposta poderá ser a fragilidade em questões relativas à fé. É justo colocar esta questão perante um fenómeno com esta amplitude. É importante que nos questionemos se a graça, dom gratuito de Deus não condicionado pela vontade do homem, não poderá de alguma forma, apenas conhecida por Deus, chegar a cada casal que se ama, se respeita, se entreajudada, se abre à vida.

A desagregação de tantas famílias, que resulta de separações e divórcios, coloca-nos diante da realidade das chamadas famílias **monoparentais**. O parente (mãe ou pai) pode ficar sozinho por

diversas razões; o mais frequente será um divórcio, mas pode resultar de uma gravidez extraconjugal ou de um acontecimento dramático como a morte do cônjuge ou ainda por situações de violência. Estas famílias vivem uma condição difícil porque resultam de traumatismos que trazem consigo o sofrimento.

No Movimento há pessoas sozinhas que vivem a experiência da solidão. Refiram-se em particular as viúvas. A equipa cuida delas e dá-lhes atenção para as aliviar da dor e das feridas da separação. Em relação às outras situações que afligem a família e que nos são “*confiadas*” (Papa Francisco – discurso aos Responsáveis Regionais do Mundo em 10/09/2015), como sejam os que vivem juntos ou os casais que resultam de novas relações, devemos rezar para sermos capazes de discernir “os sinais dos tempos”. Mesmo em relação a estes casos, no nosso Movimento há espaços abertos em que se procuram formas de ajuda e de proximidade.

Vivo ou conheço situações deste tipo entre os meus parentes e entre os meus amigos?

“Qualquer que seja a causa, quem mora com o próprio filho deve encontrar apoio e consolação junto das outras famílias que formam a comunidade cristã, assim como junto dos organismos pastorais paroquiais” (Relatório final do Sínodo, 80). Como casal e como equipa, o que fazemos para apoiar o sustento, inclusivamente o económico, destas realidades familiares?

Outra realidade emergente é a das **uniões homossexuais**.

O Sínodo exprime-se assim: “No que se refere aos projetos de equiparação ao matrimónio das uniões entre pessoas homossexuais, não existe fundamento algum para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimónio e a família” (Relatório final do Sínodo, 76).

Dito isto, a questão complexa da homossexualidade permanece em aberto e, em particular, a das uniões entre pessoas do mesmo sexo. Pensamos ser importante que os casais das ENS reflitam sobre estas questões tendo em consideração a sua experiência direta em questões de relações de casal e de família.

Esta reflexão encontra uma chave de leitura nas palavras do Papa Francisco: *“Se uma pessoa é homossexual e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? Certa vez, de forma provocadora uma pessoa perguntou-me se eu aprovava a homossexualidade. Respondi-lhe com outra pergunta: «Diz-me: Deus, quando olha para uma pessoa que é homossexual, afasta-se dela condenando-a?»”*.

Acreditamos que será possível estarmos de acordo com as afirmações que se seguem e que podem constituir a base para uma serena troca de impressões sobre as pessoas que têm uma orientação sexual diferente.

- O Homem inteiro e todos os homens sem adjetivo, é a expressão máxima da criatividade e do amor de Deus, é imagem de Deus, irmão de nosso Senhor Jesus Cristo.
- É difícil afirmar com certeza se a tendência homossexual é um destino ou uma escolha. Em qualquer caso, é certo que não se trata de uma doença.
- Uma relação sexual é satisfatória na medida em que há liberdade, respeito, o dom recíproco do corpo, completando uma união total e exclusiva dos dois que esteja aberta à fecundidade.

Estas considerações podem ajudar-nos a afastar da nossa mente o eterno pavor do que é diferente, que incessantemente infligiu tanto sofrimento em todos os lugares e em todas as culturas. Até mesmo a tristeza dos casamentos que poderíamos definir como sendo de “fachada”.

A progressiva alteração do **papel da mulher** na sociedade é vivida de formas originais nas diferentes regiões do mundo. Aos participantes na reunião plenária do Pontifício Conselho da Cultura, o Papa Francisco disse: *“Há muito tempo que foi abandonado, pelo menos nas sociedades ocidentais, o modelo da subordinação social da mulher ao homem, um modelo secular do qual, contudo, ainda não desapareceram completamente os efeitos negativos. Superámos também um segundo modelo, da pura e simples igualdade, aplicada mecanicamente, e da igualdade absoluta. Configurou-se assim um novo paradigma, da reciprocidade na equivalência e na diferença. Por conseguinte, a relação homem-mulher deveria reconhecer que ambos são necessários porque possuem uma natureza idêntica, mas com modalidades próprias. Uma é necessária à outra, e vice-versa, para que se cumpra deveras a plenitude da pessoa”*.

Entre os argumentos apresentados pelo Papa Francisco, aparece também o tema do corpo da mulher: *“O corpo feminino entre cultura e biologia, recorda-nos a beleza e a harmonia do corpo que Deus deu à mulher, mas também as dolorosas feridas a elas infligidas, por vezes com violência atroz, por serem mulheres. Símbolo de vida, o corpo feminino é, infelizmente com frequência, agredido e deturpado também por aqueles que deveriam ser os seus guardas e companheiros de vida. Portanto, as muitas formas de escravidão, de comercialização, de mutilação do corpo das mulheres, chamam-nos a trabalhar para eliminar esta forma de degradação que o reduz a mero objeto para desbaratar nos vários mercados”*.

Por fim, fazer parte de um Movimento, que gostamos de apelidar de “profético”, faz-nos refletir se a esta valorização da mulher na sociedade poderá corresponder também uma releitura do seu papel na Igreja. Em relação a esta questão há imensas resistências e muitos medos, talvez também ligados a receios residuais de uma debilitação do papel masculino, que em muitas sociedades significou um real e absoluto domínio do homem sobre a mulher.

Sabemos discernir, acompanhar e deixarmo-nos acompanhar ao longo da estrada das dinâmicas culturais da família?

Para saber mais

***Sínodo dos Bispos
Papa Francisco
Constituição pastoral do Concílio Vaticano II***

***Relatório final
Evangelii Gaudium
Gaudium et Spes***

V – Pistas para o Dever de se Sentar

- Sentimo-nos dispostos para o que vai mudar em nós e no nosso cônjuge?
- O que fazemos perante este fenómeno crescente de casais que vivem juntos sem estarem casados?
- Na nossa família há um total respeito pelo papel da mulher?



VI – Desenvolvimento da reunião

Pôr em comum – Algumas pistas

- À luz da reflexão que foi desenvolvida neste capítulo, que experiências já vivemos de amigos que coabitam, de famílias monoparentais, de pessoas homossexuais?

Partilha – Algumas pistas

- A palavra de Deus que nos convida a questionar os sinais dos tempos responsabiliza-nos ou, pelo contrário, enche-nos de medo?

Troca de impressões sobre o tema de estudo – Algumas pistas

- Qual é a nossa atitude diante do que é novo: medo, desconfiança, julgamento, prudência, atenção, acolhimento?
- Esforçamo-nos por compreender as mudanças nos costumes para colher o que há de bom e se esconde nas pregas de cada mudança?

VII – Oração final

Oração ao Espírito Santo do Irmão Pierre-Yves de Taizé

*Espírito que pairas sobre as águas,
acalma em nós as dissonâncias,
as ondas inquietas, o ruído das palavras,
os turbilhões da vaidade
e faz surgir no silêncio a palavra que nos recria.
Espírito que num suspiro murmura
ao nosso espírito o Nome do Pai,
vem recolher todos os nossos desejos,
fá-los crescer numa explosão de luz
que seja uma resposta à tua luz,
a Palavra do novo Dia.
Espírito de Deus, seiva de amor
da árvore imensa em que nos enxertas,
que todos os nossos irmãos
nos apareçam como um dom
no grande Corpo onde amadurece
a Palavra de comunhão.*

Reunião de Balanço

MUROS NÃO, PONTES SIM

OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

I - A Palavra de Deus

Epístola de S. Paulo aos Romanos 12, 1-2

«Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito».

As palavras do apóstolo recordam-nos um culto laico e secular que não passa, como na antiga aliança, pela oferta de animais como cabras ou vitelos, mas pela oferta do nosso corpo: este “sacrifício racional” (é assim que surge no texto grego original) que é a consagração a Deus Pai – em Cristo, por Cristo e com Cristo, com a graça do Espírito Santo – da própria vida, das relações, dos movimentos profundos do afeto e do coração.

Um culto laico e secular, no qual se manifesta a beleza e a alegria da vida cristã, mas que também traz gravada a ambiguidade e a contradição do mundo, criado por Deus, mas percorrido e às vezes dominado pela força do pecado. Daqui resulta uma necessidade permanente de conversão: primeiro do “espírito” (quer dizer do olhar, da reflexão e do pensamento) ainda antes das “ações”.

Jesus fez o dom do Evangelho para que o mundo fosse evangelizado, mas é preciso estarmos sempre atentos aos riscos de modernizar o Evangelho! Não nos devemos conformar à mentalidade, aos lugares comuns, aos padrões deste mundo: isto não faz de nós juizes implacáveis porque sabemos bem que a fragilidade do mundo começa em nós e passa por nós. Pelo contrário, somos chamados a fazer resplandecer a alegria e a beleza da vida cristã, de tal modo que os erros e as imperfeições do mundo se destaquem como que em contraluz. Ao proceder assim, não queremos levantar muros, mas sim construir praças e pontes.

II - Reflexão



Para preparar a reunião de balanço podemos recuar ao longo do caminho percorrido este ano.

Nos primeiros dois capítulos a atenção parou no “centro”: para começar, o *evangelho do matrimónio e da família*, luz divina que ilumina a experiência profundamente humana do amor entre o homem e a mulher; seguiu-se *a arte do acompanhamento*, que concilia dentro de si verdade e misericórdia. Procurámos colocarmo-nos, mais uma vez, diante da maravilha do projeto de Deus para o amor humano para o comparar com a visão simplesmente humana da relação entre o homem e a mulher. Ao mesmo tempo, procurámos encontrar a presença do Senhor, mesmo nessas experiências humanas ainda a caminho e imperfeitas, muitas vezes longe da plenitude e, no entanto, em marcha e sustentadas pelo Espírito daquele modo que só Deus conhece.

Podemos questionarmo-nos se o nosso pensamento, a nossa oração foram capazes de, no desenrolar progressivo das nossas reuniões de equipa ao longo deste ano, ler com verdade a realidade, interpretá-la com os olhos de Deus e traduzi-la em caminhos praticáveis. Antes de mais, procurámos fazê-lo em função da relação entre homem e mulher, da grande vocação para o amor (Cap. 3) que é capaz de se

construir, no tempo e através do tempo, no entrelaçado de uma fidelidade sempre renovada (Cap. 4). Fidelidade que é muitas vezes minada no nosso tempo, sobretudo nos lugares onde a sociedade do consumo e do bem-estar também reduzem as relações mais pessoais aos ditames do ter ou do possuir. Medimos então a amplitude do desafio cristão e, ao mesmo tempo, o impacto negativo de uma visão secular e pagã do casamento.

Fomos confrontados com o mistério, por vezes lancinante, da fragilidade do casal e da família (Cap. 5). Uma fragilidade que é visível não só nas divisões e nas falhas conjugais, mas também na fadiga e na incomunicabilidade que se podem encontrar nos casais que ainda “resistem”. Nesse capítulo, fomos sobretudo chamados a fazer uma leitura sábia da realidade familiar para colher o que há de positivo depois do desaparecimento de tantas certezas e para começar caminhos de crescimento e de consolidação em direção à plenitude do amor cristão.

A leitura da realidade, tendo como referência principal o Evangelho e numa perspetiva de crescimento gradual e progressivo, caracterizou também o ter em perspetiva as duas competências “clássicas” da família: a educação para a fé (Cap. 6) e a educação para a sociedade (Cap. 7). Considerámos ainda algumas dinâmicas culturais muito ativas no nosso tempo (Cap. 8). Também aqui procurámos ler os sinais dos tempos, tendo a Palavra de Deus como farol de luz capaz de iluminar a grandeza e a vastidão da vocação cristã, mas ao mesmo tempo como uma pequena tocha capaz de guiar para a pequena passagem que é concretamente possível no estreito e muitas vezes escuro sendeiro da vida.

Nestas nossas reflexões sobre o casamento e sobre a família fizemos referência ao método **indutivo-inclusivo-itinerante**. Isto quer dizer: partir de uma leitura sapiencial e crítica da realidade, reunir os fragmentos dispersos da realidade para os levar a essa plenitude – o mistério de Cristo – de que constitui o fundamento e a realização e agir como Igreja peregrina nos caminhos do reino que se torna ela mesma companheira de viagem – “com coração de mãe”.

Estes três segmentos correspondem às três principais características da revelação cristã: **a verdade, a beleza e a misericórdia**.

A leitura da realidade (este é o momento *indutivo*) implica sempre um discernimento, capaz de fazer ressaltar tanto os aspetos positivos, os talentos e as graças do nosso tempo (ainda os há!), como os limites, as contradições, os mecanismos de degradação e de fragmentação. A referência à **verdade** do homem e do bem torna-se então indispensável para poder desvendar a complexa meada do nosso tempo, separando o trigo do joio. Seria, contudo, um erro grosseiro – o Papa Francisco insiste em recordá-lo – colocarmo-nos diante da realidade do mundo com uma atitude negativa, lamurienta, carrancuda. Mais importante do que um juízo verdadeiro – que apesar de tudo é necessário – o mundo de hoje pede aos cristãos um testemunho positivo, rico, belo, entusiasmante pela esperança que habita neles.

A **beleza** da vida cristã, que começa pelo casal e pela família, deve resplandecer em todo o seu fascínio e em toda a sua capacidade de atração, bem para lá daqueles limites e daquelas distorções que, no entanto, é necessário denunciar. A alegria dos tempos messiânicos, o “vinho novo” do reino que Cristo veio inaugurar, representam a plenitude da humanidade que resume dentro de si tudo o que há de melhor na história humana, que a liberta das incrustações da fragilidade e do pecado e a eleva à medida última e perfeita de Deus (este é o momento *inclusivo*).

No caminho para esta plenitude, o Senhor está ao nosso lado e acompanha-nos. E o bálsamo suave da sua companhia tem um nome: **a misericórdia**. Deus é maior do que a nossa fragilidade, do que os nossos limites e do que as nossas quedas e revela assim a sua onipotência na capacidade de curar as

feridas do homem e de tornar superabundante a graça da reconciliação e do perdão, até mesmo onde abundou o mal com a sua força que leva à separação. A misericórdia é o coração do Evangelho, da “boa notícia”: nome verdadeiro de Deus e fonte inesgotável de esperança para o homem cujo caminho pode sempre recomeçar depois de cada obstáculo e peripécia, acompanhado pela proximidade e pelo suporte dos irmãos na fé (este é o momento *itinerante*).

Questionemo-nos:



- Nas nossas reuniões de equipa deixámo-nos guiar por este método verdade-beleza-misericórdia? Nos nossos encontros fomos capazes de valorizar sempre o lado positivo, de julgar sem condenar, de descobrir percursos possíveis de humanização e de crescimento para nós, para tantas situações de fragilidade, para toda a Igreja?
- O Papa Francisco exorta-nos a ser uma Igreja mais maternal: certamente professora de uma verdade que não lhe pertence e que recebeu como graça, mas também capaz de ser mãe que acolhe, que acaricia, que vai à procura dos seus filhos. Temos sido capazes de nos envolver nesta compreensão maternal do mistério da Igreja?
- Não se trata apenas de mudar a forma de olhar para os problemas ou de ler a realidade mas, muito mais, trata-se de mudar os nossos estilos de vida, os comportamentos, as ações para que se tornem transparentes numa Igreja que caminha lado a lado com o homem, que procura com ele as melhores soluções e que o acompanha nas etapas de crescimento. Neste sentido, podemos dizer que alguma coisa mudou no casal e na equipa? Tornámo-nos um pouco mais capazes de ser não só farol da verdade que ilumina a rota navegável, mas também tocha que indica o sendeiro, a pequena passagem concretamente possível? Sabemos mostrar um rosto maternal diante de tantas situações de fragilidade, de divisão, de afastamento que vamos encontrando? Tornámo-nos capazes, como diz o Papa Francisco, de fazer chegar a todos um estímulo, um incentivo, um impulso de crescimento?
- E não só para os outros, mas antes de mais para nós próprios e para a equipa: soubemos colher e aplicar a nós mesmos a arte da itinerância, do caminho, do crescimento gradual e progressivo, mesmo a partir das nossas fadigas e fragilidade?

Para saber mais

Papa Francisco

Exortação apostólica

EVANGELII GAUDIUM - 50, 51, 276, 278

FICHA TÉCNICA

Tema de estudo preparado pela Equipa Responsável Internacional

Traduzido por: Fátima e António Moitinho

Anexos

ROTEIRO DA REUNIÃO MENSAL

1. Refeição - Iniciada com uma pequena oração simples e vivida em espírito de entreeajuda.

2. Oração –

- a. Invocação do Espírito Santo
- b. Leitura e Escuta da Palavra de Deus
- c. Oração Pessoal
- d. Intenções

3. Partilha Espiritual - Testemunho sobre a vivência dos Pontos Concretos de Esforço tendo em vista as Atitudes de Vida. É bom fazer também neste ponto uma reflexão sobre a vida em Equipa e no Movimento.

4. Pôr em Comum - Pomos em comum a nossa vida, partilhamos com os outros casais a nossa vida pessoal, conjugal, familiar, profissional, os compromissos... numa perspectiva de entreeajuda e caridade.

5. Tema de Estudo - Aprofundamos juntos a nossa fé, tendo sido previamente preparado em casal e enviado ao casal responsável da equipa para a reunião preparatória.

6. Magnificat

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

*Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos nossos fiéis
e acendei neles o fogo do vosso amor.*

V. Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado

R. E renovareis a face da terra.

Oremos: *Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre da Sua consolação.*

Por Cristo, Senhor Nosso.

R. Ámen.

ORAÇÃO PARA A PARTILHA

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de Vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos. Por isso, ensinai nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos; ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.

Neste momento também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade. Ámen.

MÍSTICA DA PARTILHA E DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

Pontos Concretos De Esforço (PCE)

- Oração Pessoal ☞ Palavra de Deus
- Oração Conjugal/Familiar
- Regra de Vida
- Dever de se Sentar
- Retiro

As Três Atitudes

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência do encontro e da comunhão

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS HENRI CAFFAREL

Deus, nosso Pai,

*Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar d'Ele.
Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um
segundo a palavra que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".*

*Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do Sacramento do Matrimônio
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.*

Mostrou que Padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora,

*nós Te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho, cada um segundo a sua vocação no Espírito.*

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel... (Indicar a graça a pedir)

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor

E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!

Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:

De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as
gerações. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome. A sua misericórdia se estende de geração
em geração Sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder de seu braço E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

E exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens

E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, A Abraão, e à sua
descendência para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, Como era no
princípio, agora e sempre. **Ámen.**